

Aparição da Bem-Aventurada Virgem na montanha de La Salette

Dom Bosco propõe uma narrativa detalhada da “Aparição da Bem-Aventurada Virgem na montanha de La Salette”, ocorrida em 19 de setembro de 1846, com base em documentos oficiais e nos testemunhos dos videntes. Ele reconstrói o contexto histórico e geográfico – dois jovens pastores, Maximino e Melânia, nas encostas dos Alpes – o encontro prodigioso com a Virgem, sua mensagem de advertência contra o pecado e a promessa de graças e providências, bem como os sinais sobrenaturais que acompanharam as manifestações. Apresenta os eventos da difusão do culto, a influência espiritual sobre os habitantes e sobre o mundo inteiro, e o segredo revelado somente a Pio IX para fortalecer a fé dos cristãos e testemunhar a presença constante dos prodígios na Igreja.

Protesto do Autor

Para obedecer aos decretos de Urbano VIII, protesto que, no que se dirá no livro sobre milagres, revelações ou outros fatos, não pretendo atribuir outra autoridade senão humana; e ao dar algum título de Santo ou Beato, não o faço senão segundo a opinião; excetuando aquelas coisas e pessoas que já foram aprovadas pela Santa Sé Apostólica.

Ao leitor

Um fato certo e maravilhoso, atestado por milhares de pessoas, e que todos ainda hoje podem verificar, é a aparição da bem-aventurada Virgem, ocorrida em 19 de setembro de 1846 (Sobre este fato extraordinário podem ser consultadas muitas pequenas obras e vários jornais impressos na época, especialmente: Notícia sobre a aparição de Maria Santíssima, Turim, 1847; Santo oficial da aparição etc., 1848; O livrinho

impresso aos cuidados do padre José Gonfalonieri, Novara, junto a Enrico Grotti).

Nossa piedosa Mãe apareceu em forma e figura de grande Senhora a dois pastores, ou seja, a um menino de 11 anos e a uma jovem de 15 anos, lá no alto de uma montanha da cadeia dos Alpes situada na paróquia de La Salette, na França. E ela apareceu não apenas para o bem da França, como disse o Bispo de Grenoble, mas para o bem de todo o mundo; e isso para nos advertir da grande ira de seu Divino Filho, acesa especialmente por três pecados: **a blasfêmia, a profanação dos domingos e festas e o comer à saciedade nos dias de jejum.**

A seguir, outros fatos prodigiosos também recolhidos de documentos públicos, ou atestados por pessoas cuja fé exclui qualquer dúvida sobre o que relatam.

Que esses fatos sirvam para confirmar os bons na religião, para refutar aqueles que talvez por ignorância queiram impor um limite ao poder e à misericórdia do Senhor, dizendo: Não é mais tempo de milagres.

Jesus disse que em sua Igreja se operariam milagres maiores do que Ele operou: e não fixou nem tempo nem número; por isso enquanto houver Igreja, veremos sempre a mão do Senhor manifestar seu poder com acontecimentos prodigiosos, porque ontem, hoje e sempre Jesus Cristo será aquele que governa e assiste sua Igreja até a consumação dos séculos.

Mas esses sinais sensíveis da Onipotência Divina são sempre prenúncio de graves acontecimentos que manifestam a misericórdia e a bondade do Senhor, ou sua justiça e seu desagrado, mas de modo que se tire a maior glória e o maior proveito para as almas.

Façamos que para nós sejam fonte de graças e bênçãos; sirvam de estímulo à fé viva, fé operosa, fé que nos mova a fazer o bem e a fugir do mal para nos tornarmos dignos de sua infinita misericórdia no tempo e na eternidade.

Aparição da Bem-Aventurada Virgem nas montanhas de La Salette

Maximino, filho de Pedro Giraud, carpinteiro da vila de Corps, era um menino de 11 anos; Francisca Melânia,

filha de pais pobres, natural de Corps, era uma jovem de 15 anos. Não tinham nada de singular: ambos ignorantes e rústicos, ambos encarregados de cuidar do gado nas montanhas. Maximino não sabia mais que o Pai-Nosso e a Ave-Maria; Melânia sabia um pouco mais, tanto que por sua ignorância ainda não havia sido admitida à sagrada Comunhão.

Mandados por seus pais para guiar o gado nos pastos, foi por puro acaso que no dia 18 de setembro, véspera do grande acontecimento, se encontraram na montanha enquanto davam água às suas vacas numa fonte.

Naquela noite, ao voltarem para casa com o gado, Melânia disse a Maximino: “Quem será o primeiro a estar na Montanha amanhã?” E no dia seguinte, 19 de setembro, que era um sábado, subiram juntos, conduzindo cada um quatro vacas e uma cabra. O dia estava bonito e sereno, o sol brilhante. Por volta do meio-dia, ouvindo tocar o sino do Angelus, fizeram uma breve oração com o sinal da cruz; depois pegaram suas provisões e foram comer perto de uma pequena nascente, que ficava à esquerda de um riacho. Terminada a refeição, atravessaram o riacho, deixaram suas sacolas perto de uma fonte seca, desceram mais alguns passos e, ao contrário do habitual, adormeceram a certa distância um do outro.

Agora ouçamos o relato dos próprios pastores, tal como o fizeram na noite do dia 19 para seus patrões e depois milhares de vezes para milhares de pessoas.

“Nós tínhamos adormecido...” conta Melânia, “eu acordei primeiro; e, não vendo minhas vacas, acordei Maximino dizendo: Vamos procurar nossas vacas. Passamos o riacho, subimos um pouco, e as vimos do lado oposto deitadas. Elas não estavam longe. Então voltei para baixo; e a cinco ou seis passos antes de chegar ao riacho, vi um clarão como o Sol, mas ainda mais brilhante, porém não da mesma cor, e disse a Maximino: Venha, venha depressa para ver um clarão lá embaixo (Era entre duas e três horas depois do meio-dia).”

Maximino desceu imediatamente dizendo-me: “Onde está esse clarão?” E eu o indiquei com o dedo apontando para a pequena fonte; e ele parou quando o viu. Então vimos uma Senhora no

meio da luz; ela estava sentada sobre um monte de pedras, com o rosto entre as mãos. De medo, deixei cair meu bastão. Maximino me disse: “Segure o bastão; se ela fizer algo, eu lhe darei uma boa surra.”

Depois essa Senhora levantou-se, cruzou os braços e nos disse: “Avancem, meus meninos: Não tenham medo; estou aqui para lhes dar uma grande notícia.” Então atravessamos o riacho, e ela avançou até o lugar onde antes tínhamos adormecido. Ela estava entre nós dois, e nos disse chorando todo o tempo que falou (eu vi claramente suas lágrimas): “Se meu povo não quiser se submeter, sou obrigada a deixar livre a mão de meu Filho. Ela é tão forte, tão pesada, que não posso mais contê-la.”

“Já faz muito tempo que sofro por vocês! Se quero que meu Filho não os abandone, devo orar constantemente; e vocês não dão importância a isso. Vocês podem orar, podem fazer o bem, mas jamais poderão compensar o cuidado que tive por vocês.”

“Dei-lhes seis dias para trabalhar, reservei o sétimo para mim, e não querem concedê-lo a mim. Isso é o que torna tão pesada a mão de meu Filho.”

“Se as batatas estragarem, é tudo por causa de vocês. Eu lhes mostrei isso no ano passado (1845); e vocês não quiseram dar atenção, e, encontrando batatas estragadas, blasfemavam colocando no meio o nome de meu Filho.”

“Continuarão a estragar, e este ano, no Natal, vocês não terão mais (1846).”

“Se tiverem trigo, não devem semeá-lo: tudo o que semearem será comido pelos vermes; e o que nascer será pó quando o debulharem.”

“Virá uma grande fome” (De fato, houve uma grande fome na França, e nas estradas havia grandes grupos de mendigos famintos, que iam aos milhares pelas cidades pedindo esmolas: e enquanto aqui na Itália o trigo encareceu na primavera de 1847, na França durante todo o inverno de 1846-1847 sofreu-se muita fome. Mas a verdadeira escassez de alimentos, a verdadeira fome foi experimentada nos desastres da guerra de 1870-71. Em Paris, um grande personagem ofereceu a seus amigos um lauto almoço com carnes na Sexta-feira Santa. Poucos meses

depois, nessa mesma cidade, os cidadãos mais abastados foram obrigados a se alimentar de alimentos pobres e de carnes dos animais mais sujos. Muitos morreram de fome.)

“Antes que venha a fome, as crianças abaixo de sete anos serão tomadas por um tremor e morrerão nas mãos das pessoas que as segurarem; os outros farão penitência pela fome.”

“As nozes estragarão, e as uvas apodrecerão...” (Em 1849 as nozes estragaram por toda parte; e quanto às uvas, todos ainda lamentam o estrago e a perda. Todos lembram o enorme dano que o oídio (fungo) causou às uvas em toda a Europa por mais de vinte anos, de 1849 a 1869).

“Se se converterem, as pedras e os penhascos se transformarão em montes de trigo, e as batatas nascerão da própria terra.”

Então ela nos disse:

“Vocês rezam bem suas orações, meus meninos?”

Ambos respondemos: “Não muito bem, Senhora.”

“Ah, meus meninos, vocês devem dizê-las bem à noite e de manhã. Quando não tiverem tempo, digam pelo menos um Pai-Nosso e uma Ave-Maria; e quando tiverem tempo, digam mais.”

“À Missa vão apenas algumas mulheres idosas, e as outras trabalham aos domingos durante todo o verão; e no inverno os jovens, quando não sabem o que fazer, vão à Missa para zombar da religião. Na quaresma vão ao açougue como cães.”

Então ela disse: “Você não viu, meu menino, trigo estragado?”

Maximino respondeu: “Oh! não, Senhora.” Eu, sem saber a quem ela fazia a pergunta, respondi em voz baixa.

“Não, Senhora, ainda não vi.”

“Você deve ter visto, meu menino (dirigindo-se a Maximino), uma vez perto do território de Coin com seu pai. O dono do campo disse a seu pai para ir ver seu trigo estragado; vocês foram os dois. Pegaram algumas espigas nas mãos, e ao esfregá-las todas viraram pó, e vocês voltaram. Quando ainda estavam a meia hora de Corps, seu pai deu a você um pedaço de pão, e disse: «Tome, meu filho, coma ainda pão este ano; não sei quem comerá no próximo ano, se o trigo continuar a estragar assim.»”

Maximino respondeu: “Oh! sim, Senhora, agora me lembro; pouco

antes não me lembrava.”

Depois disso, aquela Senhora nos disse: “Bem, meus meninos, vocês vão contar isso a todo o meu povo.”

Então ela atravessou o riacho, e a dois passos de distância, sem se voltar para nós, disse novamente: “Bem, meus meninos, vocês vão contar isso a todo o meu povo.”

Ela subiu depois uns quinze passos, até o lugar onde fomos procurar nossas vacas; mas ela caminhava sobre a grama; seus pés tocavam apenas o topo. Nós a seguimos; eu passei na frente da Senhora e Maximino um pouco de lado, a dois ou três passos de distância. E a bela Senhora se elevou assim (Melânia faz um gesto levantando a mão mais de um metro); Ela ficou suspensa no ar por um momento. Depois ela lançou um olhar para o Céu, depois para a terra; depois não vimos mais a cabeça... nem os braços... nem os pés... parecia que se dissolvia; só se viu um clarão no ar; e depois o clarão desapareceu.

Eu disse a Maximino: “Será talvez uma grande santa?” Maximino me respondeu: “Oh! se soubéssemos que era uma grande santa, teríamos pedido para nos levar com ela.” E eu lhe disse: “E se ainda estivesse aqui?” Então Maximino estendeu a mão para alcançar um pouco do clarão, mas tudo havia desaparecido. Observamos bem para ver se ainda a víamos.

E eu disse: “Ela não quer se mostrar para não nos deixar saber para onde foi.” Depois disso fomos atrás de nossas vacas.”

Este é o relato de Melânia; que, interrogada sobre como aquela Senhora estava vestida, respondeu:

“Ela usava sapatos brancos com rosas ao redor... havia de todas as cores; usava meias amarelas, um avental amarelo, uma veste branca toda coberta de pérolas, um lenço branco no pescoço contornado de rosas, uma touca alta um pouco pendente na frente com uma coroa de rosas ao redor. Tinha uma correntinha, à qual estava pendurada uma cruz com seu Cristo: à direita uma torquês, à esquerda um martelo; na extremidade da cruz pendia outra grande corrente, como as rosas ao redor do seu lenço de pescoço. Tinha o rosto branco, alongado; eu não podia olhar muito tempo, porque ofuscava.”

Interrogado separadamente, Maximino faz o mesmo relato, sem

nenhuma variação, nem na substância nem na forma; por isso nos abstermos de repeti-lo aqui.

São infinitas e estranhas as perguntas capciosas que lhes fizeram, especialmente por dois anos, e sob interrogatórios de 5, 6, 7 horas seguidas com a intenção de embaraçá-los, confundi-los, fazê-los contradizer-se. Certo é que talvez nenhum réu tenha sido tão duramente interrogado pelos tribunais de justiça sobre um crime que lhe fora imputado.

Segredo dos dois pastores

Logo após a aparição, Maximino e Melânia, ao retornarem para casa, perguntaram um ao outro por que a grande Senhora, depois de ter dito «as uvas vão apodrecer», demorou um pouco para falar e só mexia os lábios, sem deixar entender o que dizia?

Ao se interrogarem mutuamente sobre isso, Maximino disse a Melânia: «Ela me disse uma coisa, mas me proibiu de te contar.» Ambos perceberam que haviam recebido da Senhora, cada um separadamente, um segredo com a proibição de o revelar a alguém. Agora pense, leitor, se os jovens conseguem guardar segredo.

É inacreditável o que foi feito e tentado para arrancar deles esse segredo de alguma forma. É impressionante ler as milhares de tentativas feitas para esse fim por centenas e centenas de pessoas durante vinte anos. Orações, surpresas, ameaças, insultos, presentes e seduções de toda espécie, tudo foi em vão; eles são impenetráveis.

O bispo de Grenoble, um homem octogenário, achou que devia ordenar aos dois privilegiados meninos que pelo menos entregassem seu segredo ao Santo Padre, Pio IX. Ao nome do Vigário de Jesus Cristo, os dois pastorezinhos obedeceram prontamente e decidiram revelar um segredo que até então nada havia conseguido arrancar deles. Eles mesmos o escreveram (desde o dia da aparição estavam sendo instruídos, cada um separadamente); depois dobraram e lacraram suas cartas; tudo isso na presença de pessoas respeitáveis, escolhidas pelo próprio bispo para servir de testemunhas. Então o bispo enviou

dois sacerdotes para levar a Roma essa misteriosa correspondência.

Em 18 de julho de 1851, entregaram a Sua Santidade Pio IX três cartas: uma do Senhor bispo de Grenoble, que credenciava esses dois enviados, e as outras duas continham o segredo dos dois jovens de La Salette; cada um havia escrito e lacrado sua carta contendo seu segredo na presença de testemunhas que declararam a autenticidade das mesmas na capa.

Sua Santidade abriu as cartas e, ao começar a ler a de Maximino, disse: «Tem realmente a candura e a simplicidade de uma criança.» Durante a leitura, uma certa emoção se manifestou no rosto do Santo Padre; seus lábios se contraíram, suas bochechas se inflaram. «Trata-se, disse o Papa aos dois sacerdotes, de flagelos que ameaçam a França. Não é apenas ela culpada, também a Alemanha, a Itália, toda a Europa, e merecem castigos. Eu temo muito a indiferença religiosa e o respeito humano.»

Afluência em La Salette

A fonte, perto da qual a Senhora, ou seja, a Virgem Maria, havia descansado, estava seca, como dissemos; e, segundo todos os pastores e camponeses da região, só dava água após chuvas abundantes e o derretimento das neves. Agora, essa fonte, seca no mesmo dia da aparição, no dia seguinte começou a jorrar água, e desde então a água corre clara e límpida sem interrupção.

Aquela montanha nua, íngreme, deserta, habitada pelos pastores apenas quatro meses por ano, tornou-se o palco de uma imensa concentração de pessoas. Populações inteiras vêm de todos os lados para aquela montanha privilegiada; e, chorando de ternura e cantando hinos e cânticos, inclinam a testa sobre aquela terra abençoada, onde ressoou a voz de Maria: vê-se que beijam respeitosamente o lugar santificado pelos pés de Maria; e descem cheios de alegria, confiança e gratidão.

Todos os dias, um número imenso de fiéis vai devotamente visitar o local do prodígio. No primeiro aniversário da aparição (19 de setembro de 1847), mais de setenta mil

peregrinos de todas as idades, sexos, condições e até de todas as nações cobriam a superfície daquele terreno...

Mas o que faz sentir ainda mais o poder daquela voz vinda do Céu é que houve uma mudança maravilhosa nos costumes dos habitantes de Corps, de La Salette, de todo o cantão e arredores, e que ainda se espalha por lugares distantes... Eles pararam de trabalhar aos domingos; abandonaram as blasfêmias... Frequentam a Igreja, atendem à voz de seus pastores, aproximam-se dos santos sacramentos, cumprem com edificação o preceito da Páscoa, até então geralmente negligenciado. Não falo das muitas e estrondosas conversões e das graças extraordinárias no âmbito espiritual.

No local da aparição ergue-se agora uma majestosa igreja com um edifício vastíssimo, onde os viajantes, depois de satisfazerem sua devoção, podem repousar confortavelmente e até passar a noite à vontade.

Após o fato de La Salette, Melânia foi enviada para a escola, com progresso maravilhoso na ciência e na virtude. Mas sentia-se sempre tão ardente em devoção à Bem-Aventurada Virgem Maria que decidiu consagrar-se inteiramente a Ela. Entrou de fato para a Ordem das Carmelitas Descalças, entre as quais, segundo o jornal *Echo de Fourvière* de 22 de outubro de 1870, teria sido chamada pela Santa Virgem ao céu. Pouco antes de morrer, escreveu a seguinte carta para sua mãe.

11 de setembro de 1870.

Queridíssima e amadíssima mãe,

Que Jesus seja amado por todos os corações. – Esta carta não é só para você, mas para todos os habitantes da minha querida terra de Corps. Um pai de família, muito amoroso com seus filhos, vendo que eles esqueciam seus deveres, desprezavam a lei imposta por Deus, tornavam-se ingratos, resolveu castigá-los severamente. A esposa do pai de família pedia clemência, e ao mesmo tempo ia aos dois filhos mais jovens do pai de família, ou seja, os dois mais fracos e ignorantes. A esposa,

que não pode chorar na casa do seu esposo (que é o Céu), encontra nos campos desses miseráveis filhos lágrimas em abundância: ela expõe seus temores e ameaças, se não voltarem atrás, se não observarem a lei do dono da casa. Um número muito pequeno de pessoas abraça a reforma do coração e começa a observar a santa lei do pai de família; mas, ai de nós! a maioria permanece no pecado e se afunda cada vez mais nele. Então o pai de família envia castigos para punir e tirar esses filhos desse estado de endurecimento. Esses filhos desgraçados pensam que podem escapar do castigo, agarram e quebram as varas que os castigam, em vez de se ajoelharem, pedir clemência e misericórdia, e especialmente prometer mudar de vida. Finalmente, o pai de família, ainda mais irritado, pega uma vara ainda mais forte e bate e continuará batendo até que eles reconheçam, se humilhem e peçam misericórdia àquele que reina na terra e nos céus.

Vocês me entenderam, querida mãe e queridos habitantes de Corps: esse pai de família é Deus. Somos todos seus filhos; nem eu nem vocês o amamos como deveríamos; não cumprimos, como convinha, seus mandamentos: agora Deus nos castiga. Um grande número de nossos irmãos soldados morre, famílias e cidades inteiras são reduzidas à miséria; e se não nos voltarmos para Deus, não terminará. Paris é muito culpada porque premiou um homem mau que escreveu contra a divindade de Jesus Cristo. Os homens têm apenas um tempo para cometer pecados; mas Deus é eterno e castiga os pecadores. Deus está irritado pela multiplicidade dos pecados e porque é quase desconhecido e esquecido. Agora, quem poderá deter a guerra que faz tanto mal na França e que em breve recomeçará na Itália? etc., etc. Quem poderá deter esse flagelo?

É preciso 1º que a França reconheça que nesta guerra está unicamente a mão de Deus; 2º que se humilhe e peça com mente e coração perdão por seus pecados; que prometa sinceramente servir a Deus com mente e coração, e obedecer aos seus mandamentos sem respeito humano. Alguns rezam, pedem a Deus o triunfo dos franceses. Não, não é isso que o bom Deus quer: Ele quer a conversão dos franceses. A Santíssima Virgem veio à

França, e esta não se converteu: por isso é mais culpada que as outras nações; se não se humilhar, será grandemente humilhada. Paris, esse foco da vaidade e do orgulho, quem poderá salvá-la, se fervorosas orações não se elevarem ao coração do bom Mestre?

Lembro-me, querida mãe e queridos habitantes, da minha querida terra, lembro-me das devotas procissões que faziam no sagrado monte de La Salette, para que a ira de Deus não atingisse sua terra! A Santa Virgem ouviu suas fervorosas preces, suas penitências e tudo o que fizeram por amor a Deus. Penso e espero que atualmente vocês devam fazer ainda mais belas procissões pela salvação da França; ou seja, para que a França volte a Deus, pois Deus só espera isso para retirar a vara com que castiga seu povo rebelde. Oremos muito, sim, oremos; façam suas procissões, como fizeram em 1846 e 1847: acreditem que Deus sempre escuta as orações sinceras dos corações humildes. Oremos muito, oremos sempre. Nunca amei Napoleão, porque lembro toda a sua vida. Que o divino Salvador lhe perdoe todo o mal que fez; e que ainda faz!

Lembre-mo-nos de que fomos criados para amar e servir a Deus, e que fora disso não há verdadeira felicidade. As mães devem educar cristãmente seus filhos, porque o tempo das tribulações não acabou. Se eu lhes revelasse o número e a qualidade delas, ficariam horrorizados. Mas não quero assustá-los; tenham confiança em Deus, que nos ama infinitamente mais do que podemos amá-lo. Oremos, oremos, e a boa, divina e terna Virgem Maria estará sempre conosco: a oração desarma a ira de Deus; a oração é a chave do Paraíso.

Oremos por nossos pobres soldados, oremos por tantas mães desoladas pela perda de seus filhos, consagremo-nos à nossa boa Mãe celeste: oremos por esses cegos que não veem que é a mão de Deus que agora castiga a França. Oremos muito e façamos penitência. Mantenham-se todos ligados à santa Igreja e ao nosso Santo Padre, que é seu chefe visível e o Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo na terra. Em suas procissões, em suas penitências, orem muito por ele. Finalmente, mantenham-se em paz, amem-se como irmãos, prometendo a Deus observar seus

mandamentos e realmente cumpri-los. E pela misericórdia de Deus serão felizes e terão uma boa e santa morte, que desejo a todos, colocando todos sob a proteção da augustíssima Virgem Maria. Abraço de coração (aos parentes). Minha salvação está na Cruz. O coração de Jesus vela por mim.

Maria da Cruz, *vítima de Jesus*

Primeira parte da publicação “Aparição da Bem-Aventurada Virgem na montanha de La Salette com outros fatos prodigiosos, recolhidos de documentos públicos pelo sacerdote João Bosco”, Turim, Tipografia do Oratório de São Francisco de Sales, 1871.

Coroa das sete dores de Maria

A publicação “Coroa das sete dores de Maria” representa uma devoção querida que São João Bosco incutia em seus jovens. Seguindo a estrutura da “Via Crucis” [Via Sacra], as sete cenas dolorosas são apresentadas com breves considerações e orações, para guiar a uma participação mais viva nos sofrimentos de Maria e de seu Filho. Rico em imagens afetivas e espiritualidade contrita, o texto reflete o desejo de unir-se a Nossa Senhora das Dores na compaixão redentora. As indulgências concedidas por vários Pontífices atestam o alto valor pastoral do texto, que é um pequeno tesouro de oração e reflexão, para alimentar o amor pela Mãe das dores.

Prólogo

O principal objetivo desta pequena obra é facilitar a lembrança e a meditação das amarguradíssimas dores do terno Coração de Maria, algo que a Ela é muito agradável, como revelou várias vezes a seus devotos, e um meio muito eficaz para nós obtermos seu patrocínio.

Para tornar mais fácil o exercício de tal meditação, praticar-

se-á primeiramente com uma coroa na qual são indicadas as sete principais dores de Maria, que poderão ser meditadas em sete breves considerações distintas, do modo como se costuma fazer na *Via Sacra*.

Que o Senhor nos acompanhe com sua graça celestial e bênção para que se alcance o intento desejado, de modo que a alma de cada um fique vivamente penetrada pela frequente memória das dores de Maria, com proveito espiritual da alma, e tudo para maior glória de Deus.

Coroa das sete dores da Bem-Aventurada Virgem Maria com sete breves considerações sobre as mesmas expostas na forma da Via Sacra

Preparação

Queridos irmãos e irmãs em Jesus Cristo, fazemos nossos habituais exercícios meditando devotamente as amarguradíssimas dores que a Bem-Aventurada Virgem Maria sofreu na vida e morte de seu amado Filho e nosso Divino Salvador. Imaginemo-nos presentes a Jesus pendente na cruz, e que sua aflita mãe diga a cada um de nós: Venham e vejam se há uma dor igual à minha. Convencidos de que esta Mãe piedosa quer nos conceder proteção especial ao meditarmos suas dores, invoquemos a ajuda divina com as seguintes orações:

Antífona: Vem, Espírito Santo, enche os corações dos teus fiéis e acende neles o fogo do teu amor.

Envia o teu Espírito e tudo será criado,
e renovarás a face da terra.

Lembra-te da tua Congregação,
que possuías desde o princípio.

Senhor, escuta a minha oração,
e chegue a ti o meu clamor.

Oremos.

Ilumina, Senhor, nossas mentes com a luz da tua claridade,
para que possamos ver o que deve ser feito e agir

corretamente. Por Cristo nosso Senhor. Amém.

Primeira dor. Profecia de Simeão

A primeira dor foi quando a Santa Virgem, Mãe de Deus, tendo apresentado seu Filho no Templo, o depôs nos braços do santo velho Simeão, que lhe disse: *A espada da dor traspassará a tua alma*: o que significa a Paixão e Morte de seu Filho Jesus.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Virgem dolorosa, por aquela agudíssima espada com que o santo velho Simeão te predisse que tua alma seria traspassada na paixão e morte do teu querido Jesus, suplico-te que me concedas a graça de ter sempre presente a memória do teu coração traspassado e das amarguradíssimas penas sofridas por teu Filho para minha salvação. Assim seja.

Segunda dor. Fuga para o Egito

A segunda dor foi quando a Santa Virgem se viu obrigada a fugir para o Egito a fim de evitar a perseguição do cruel Herodes, que impiamente procurava dar a morte a seu amado Filho Jesus.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Maria, mar amarguíssimo de lágrimas, por aquela dor que sentiste fugindo para o Egito para proteger teu Filho da bárbara crueldade de Herodes, suplico que sejas minha guia, para que, por teu intermédio, eu fique livre das perseguições dos inimigos visíveis e invisíveis da minha alma. Assim seja.

Terceira dor. Perda de Jesus no templo

A terceira dor da Bem-Aventurada Virgem foi quando, pelo tempo da Páscoa, depois de ter estado com o seu esposo José e com o seu amado filho Jesus em Jerusalém, de volta à sua pobre casa, perdeu o seu divino Filho e por três dias seguidos o procurou, lamentando a perda de seu único amor.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Mãe desconsolada, tu que na perda da presença corporal de teu Filho o procuraste ansiosamente por três dias seguidos, rogo-te que obtenhas a graça para todos os pecadores, para que também eles o procurem com atos de contrição e o encontrem. Assim seja.

Quarta dor. Encontro de Jesus carregando a cruz

A quarta dor da Santa Virgem foi quando encontrou seu dulcíssimo Filho Jesus, que carregava uma pesada cruz, em seus ombros delicados, até ao Monte Calvário, para ser crucificado pela nossa salvação.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Virgem mais apaixonada do que todas, por aquele sofrimento que sentiste no coração ao encontrar teu Filho enquanto ele carregava o madeiro da Santíssima Cruz rumo ao Monte Calvário, peço-te que eu o acompanhe continuamente com o pensamento, chore meus pecados, causa manifesta dos seus e dos teus tormentos. Assim seja.

Quinta dor. Crucificação de Jesus

A quinta dor da Santa Virgem foi quando viu seu Filho Jesus suspenso sobre o duro madeiro da Cruz, vertendo sangue de todo o seu Santíssimo Corpo e morrendo depois de três horas de agonia.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Rosa entre os espinhos, por aquelas dores amargas que traspassaram teu peito ao ver com teus próprios olhos teu Filho traspassado e elevado na Cruz, obtém para mim, peço-te, que eu busque com meditações assíduas somente Jesus crucificado por causa dos meus pecados. Assim seja.

Sexta dor. Deposição de Jesus da cruz

A sexta dor da Santa Virgem foi quando seu amado Filho Jesus,

depois de ter sido traspassado no peito com um golpe de lança e despregado da cruz, foi deposto em seu santo regaço.
Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Virgem aflita, tu que acolheste teu Filho morto no colo, vencido pela Cruz, e beijando aquelas santíssimas feridas, derramaste sobre elas um mar de lágrimas, rogo-te que eu também lave continuamente com lágrimas de verdadeiro arrependimento as feridas mortais que meus pecados te causaram. Assim seja.

Sétima dor. Sepultamento de Jesus

A sétima e última dor da Santa Virgem, Senhora e Advogada dos seus servos e dos pobres pecadores, foi quando viu sepultado o Corpo Santíssimo de seu Filho Jesus.
Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Mártir dos Mártires, Maria, por aquele tormento amargo que sofreste quando, sepultado teu Filho, tiveste que afastar-te daquele túmulo amado, concede graça, peço-te, a todos os pecadores, para que conheçam o quanto é grave dano para a alma estar longe de seu Deus. Assim seja.

Digam-se em seguida três *Ave-Marias* em sinal de profundo respeito às lágrimas que a Santíssima Virgem derramou nas suas Dores, a fim de impetrar uma verdadeira dor dos nossos pecados e para ganhar as santas indulgências.

Ave Maria etc.

Terminada a Coroa, recita-se o pranto da Bem-Aventurada Virgem, ou seja, o hino *Stabat Mater* etc.

Hino – Pranto da Bem-Aventurada Virgem Maria

Stabat Mater dolorosa
Iuxta crucem lacrymosa,
Dum pendebat Filius.
Cuius animam gementem
Contristatam et dolentem
Pertransivit gladius.
O quam tristis et afflicta
Fuit illa benedicta
Mater unigeniti!
Quae moerebat, et dolebat,
Pia Mater dum videbat.
Nati poenas inclyti.
Quis est homo, qui non fleret,
Matrem Christi si videret
In tanto supplicio?
Quis non posset contristari,
Christi Matrem contemplari
Dolentem cum filio?
Pro peccatis suae gentis
Vidit Iesum in tormentis
Et flagellis subditum.
Vidit suum dulcem natura
Moriendo desolatum,
Dum emisit spiritum.
Eia mater fons amoris,
Me sentire vim doloris
Fac, ut tecum lugeam.
Fac ut ardeat cor meum
In amando Christum Deum,
Ut sibi complaceam.
Sancta Mater istud agas,
Crucifixi fige plagas
Cordi meo valide.
Tui nati vulnerati
Tam dignati pro me pati
Poenas mecum divide.
Fac me tecum pie flere,
Crucifixo condolere,
Donec ego vixero.
Iuxta Crucem tecum stare,
Et me tibi sociare
In planctu desidero.
Virgo virginum praeclara,
Mihi iam non sia amara,
Fac me tecum plangere.
Fac ut portem Christi mortem,
Passionis fac consortem,
Et plagas recolere.
Fac me plagis vulnerari,
Fac me cruce inebriari,
Et cruore Filii.
Flammis ne urar succensus,
Per te, Virgo, sim defensus
In die Iudicii.
Christe, cum sit hinc exire,
Da per matrem me venire
Ad palmam victoriae.
Quando corpus morietur,
Fac ut animae donetur
Paradisi gloria. Amen.

Estava a mãe dolorosa
junto da cruz, lacrimosa,
via o filho que pendia.
Na sua alma gemia,
contristada e dolorida
por um gládio transpassada.
Oh! Quão triste e aflita
entre todas, Mãe bendita,
que só tinha aquele Filho.
Quanta angústia não sentia,
Mãe piedosa quando via
as penas do Filho seu.
Quem não chora vendo isso:
contemplando a Mãe de Cristo
num suplício tão enorme?
Quem haverá que resista
se a Mãe assim se contrista
padecendo com seu Filho?
Por culpa de sua gente
Viu Jesus inocente,
Ao flagelo submetido.
Vê agora o seu amado
pelo Pai abandonado,
entregando seu espírito.
Faze, ó Mãe, fonte de amor
que eu sinta o espinho da dor,
para contigo chorar.
Faze arder meu coração
do Cristo Deus na paixão
para que o possa agradar.
Ó Santa Mãe, dá-me isto,
trazer as chagas de Cristo
gravadas no coração.
Do teu filho que por mim
entrega-se a morte assim,
divide as penas comigo.
Oh! Dá-me enquanto viver,
com Cristo compadecer,
chorando sempre contigo.
Junto à cruz eu quero estar,
quero o meu pranto juntar
às lágrimas que derramas.
Virgem, que às virgens aclara,
não seas comigo avara,
dá-me contigo chorar.
Traga em mim do Cristo a morte,
da Paixão seja consorte,
suas chagas celebrando.
Por elas seja eu rasgado,
pela cruz inebriado,
pelo sangue de teu Filho.
No Julgamento consegue,
que às chamas não seja entregue
quem por ti é defendido.
Quando do mundo eu partir,
dai-me, ó Cristo, conseguir
por tua Mãe a vitória.
Quando meu corpo morrer,
possa a alma merecer
do Reino Celeste, a glória. Amém.

O Sumo Pontífice Inocêncio XI concede indulgência de 100 dias toda vez que se reza o *Stabat Mater*. Bento XIII concedeu indulgência de sete anos a quem rezar a Coroa das sete dores de Maria. Muitas outras indulgências foram concedidas por outros sumos Pontífices, especialmente aos Confrades e Coirmãs da Companhia de Maria Dolorosa.

As sete dores de Maria meditadas na forma da Via Crucis

Invoque-se a ajuda divina dizendo:

Actiones nostras, quaesumus, Domine, aspirando praeveni, et adiuvando prosequere, ut cuncta nostra oratio et operatio a te semper incipiat, et per te coepta finiatur. Per Christum Dominum Nostrum. Amen. [Inspirai, Senhor, todas as nossas ações e orações, e ajudai-nos a realizá-las, para que em Vós comece e para Vós termine tudo aquilo que fizemos. Por Cristo, Senhor nosso. Amém.]

Ato de Contrição

Virgem muitíssimo aflita, ai! quão ingrato fui no tempo passado para com meu Deus, com quanta ingratidão correspondeste aos seus inúmeros benefícios! Agora me arrependo, e na amargura do meu coração e no pranto da minha alma, peço humildemente a Ele perdão por ter ultrajado sua infinita bondade, estando decidido no futuro, com a graça celestial, a nunca mais ofendê-lo. Ah! por todas as dores que suportastes na bárbara paixão do vosso amado Jesus, peço-vos com os mais profundos suspiros que me obtenhais do mesmo, piedade e misericórdia dos meus pecados. Aceitai este santo exercício que estou para fazer e recebei-o em união com aquelas penas e dores que Vós sofrestes por vosso filho Jesus. Ah, concedei-me! sim, concedei-me que aquelas mesmas espadas que traspassaram o vosso espírito, atravessem também o meu, e que eu viva e morra na amizade do meu Senhor, para participar eternamente da glória que Ele me conquistou com seu precioso Sangue. Assim seja.

Primeira dor

Nesta primeira dor, imaginemo-nos no templo de Jerusalém, onde a Bem-Aventurada Virgem ouviu a profecia do velho Simeão.

Meditação

Ah! Que angústias terá sentido o coração de Maria ao ouvir as dolorosas palavras com que lhe foi predita pelo Santo velho Simeão a amarga paixão e a atroz morte do seu dulcíssimo Jesus: enquanto naquele mesmo instante lhe surgiram à mente os ultrajes, os tormentos e as carnificinas que os ímpios judeus fariam ao Redentor do mundo. Mas sabes qual foi a espada mais penetrante que a traspassou nessa circunstância? Foi considerar a ingratidão com que seu amado Filho seria retribuído pelos homens. Agora, refletindo que, por causa dos teus pecados, estás miseravelmente entre esses tais, ah! lança-te aos pés desta Mãe Dolorosa e dize chorando assim (todos se ajoelham): Ah! Virgem piedosíssima, que sentistes tão amarga dor no vosso espírito ao ver o abuso que eu, criatura indigna, teria feito do sangue do vosso amável Filho, fazei, sim fazei por vosso aflito Coração, que eu no futuro corresponda às Divinas Misericórdias, aproveite as graças celestiais, não receba em vão tantas luzes e inspirações que Vós vos dignareis obter para mim, para que eu tenha a sorte de estar entre aqueles para quem a amarga paixão de Jesus seja de salvação eterna. Assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Segunda dor

Nesta segunda dor, consideremos a dolorosíssima viagem que a Virgem fez ao Egito para libertar Jesus da cruel perseguição de Herodes.

Meditação

Considera a amarga dor que Maria terá sentido quando, à noite, teve que partir por ordem do Anjo para preservar seu Filho da matança ordenada por aquele feroz Príncipe. Ah! que a cada grito de animal, a cada sopro de vento, a cada movimento de

folha que ouvia por aquelas estradas desertas, se enchia de medo temendo algum infortúnio para o menino Jesus que levava consigo. Ora se voltava para um lado, ora para o outro, ora apressava o passo, ora se escondia crendo ter sido alcançada pelos soldados, que, arrancando de seus braços seu amabilíssimo Filho, teriam feito sob seus olhos um tratamento bárbaro, e fixando o olhar lacrimoso sobre seu Jesus e apertando-o fortemente ao peito, dando-lhe mil beijos, mandava do coração os suspiros mais angustiados. E aqui reflete quantas vezes renovaste essa amarga dor a Maria, forçando seu Filho com teus graves pecados a fugir da tua alma. Agora que conheces o grande mal cometido, volta-te arrependido a esta piedosa Mãe e dize-lhe assim:

Ah, Mãe dulcíssima! Uma vez Herodes obrigou-vos, com vosso Jesus, a fugir da inumana perseguição por ele ordenada; mas eu, oh! quantas vezes obriguei meu Redentor e, por consequência, também a vós, a partir rapidamente do meu coração, introduzindo nele o maldito pecado, inimigo cruel vosso e do meu Deus. Ah! todo dolorido e contrito vos peço humildemente perdão.

Sim, misericórdia, ó querida Mãe, misericórdia, e prometo-vos no futuro, com a ajuda divina, manter sempre meu Salvador e Vós no total domínio da minha alma. Assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Terceira dor

Nesta terceira dor, consideremos a Virgem muitíssimo aflita que, lacrimosa, vai à procura do seu Jesus perdido.

Meditação

Quão grande foi a dor de Maria quando percebeu que havia perdido seu amável Filho! E como cresceu sua dor quando, tendo-o procurado diligentemente entre amigos, parentes e vizinhos, não pôde obter nenhuma notícia dele. Ela, não se importando com os incômodos, o cansaço, os perigos, vagou por

três dias seguidos pelas regiões da Judeia, repetindo aquelas palavras de desolação: talvez alguém tenha visto aquele que verdadeiramente ama a minha alma? Ah! que a grande ansiedade com que o procurava a fazia imaginar a cada momento vê-lo ou ouvir sua voz; mas, ao se reconhecer frustrada, oh, como se aterrorizava e sentia mais intensamente o pesar por tão deplorável perda! Grande confusão para ti, pecador, que tantas vezes perdeste teu Jesus pelos graves pecados cometidos, e não te preocupaste em procurá-lo, claro sinal de que pouco ou nenhum valor dás ao precioso tesouro da amizade divina. Chora, pois, tua cegueira, e voltando-te a esta Mãe Dolorosa, diz-lhe suspirando assim:

Virgem muitíssimo aflita, fazei que eu aprenda de vós a verdadeira maneira de buscar Jesus que perdi para seguir minhas paixões e as iníquas sugestões do demônio, para que eu consiga encontrá-lo, e quando o tiver recuperado, repetirei continuamente aquelas vossas palavras: Encontrei aquele que verdadeiramente ama meu coração; o guardarei sempre comigo, e nunca mais o deixarei partir. Assim seja. Ave Maria etc. Glória ao Pai etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Quarta dor

Na quarta dor, consideremos o encontro que a Virgem Dolorosa teve com seu Filho apaixonado.

Meditação

Venham, ó corações endurecidos, e vejam se conseguem suportar este espetáculo lacrimoso. É uma mãe, a mais terna, a mais amorosa, que encontra seu Filho, o mais doce, o mais amável; e como o encontra? Oh Deus! no meio da mais ímpia turba que o arrasta cruelmente para a morte, carregado de feridas, pingando sangue, rasgado pelas feridas, com uma coroa de espinhos na cabeça e com um tronco pesado sobre os ombros, ofegante, cansado, exausto, que parece a cada passo querer exalar o último suspiro.

Ah! considera, minha alma, a parada mortal que a Santíssima Virgem faz ao primeiro olhar que fixa sobre seu Jesus atormentado; ela gostaria de lhe dar o último adeus, mas como, se a dor a impede de pronunciar palavra? Gostaria de lançar-se ao seu pescoço, mas fica imóvel e petrificada pela força da aflição interna; gostaria de desabafar com o pranto, mas sente o coração tão apertado e oprimido que não consegue derramar uma lágrima. Oh! e quem pode conter as lágrimas ao ver uma pobre Mãe imersa em tão grande aflição? Mas quem é a causa de tão amarga dor? Ah, sou eu; sim, sou eu com meus pecados que fiz uma ferida tão bárbara ao vosso terno coração, ó Virgem Dolorosa. Porém, quem acreditaria? Permaneço insensível sem me comover. Mas se fui ingrato no passado, no futuro não serei mais.

Enquanto isso, prostrado aos vossos pés, ó Santíssima Virgem, peço humildemente perdão por tanto sofrimento que vos causei. Sei e confesso que não mereço piedade, sendo eu a verdadeira causa de vossa dor ao encontrar vosso Jesus todo coberto de feridas; mas lembrai-vos, sim, lembrai-vos que sois mãe de misericórdia. Ah, mostrai-vos, pois, assim para comigo, que eu vos prometo no futuro ser mais fiel ao meu Redentor, e assim compensar tantos desgostos que causei ao vosso aflito espírito. Assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Quinta dor

Nesta quinta dor, imaginemo-nos no Monte Calvário onde a Virgem muitíssimo aflita viu seu amado Filho expirar na Cruz.

Meditação

Aqui estamos no Calvário onde já estão erguidos dois altares de sacrifício, um no corpo de Jesus, outro no coração de Maria. Oh espetáculo terrível! Vemos a Mãe afogada num mar de aflições ao ver ser levado à morte cruel o caro e amável fruto de suas entranhas. Ai de mim! Cada martelada, cada ferida, cada rasgo que o Salvador recebe em seu corpo ressoa

profundamente no coração da Virgem. Ela está aos pés da Cruz tão penetrada pela dor e transpassada pelo sofrimento que não se sabe quem será o primeiro a expirar, se Jesus ou Maria. Fixa o olhar no rosto agonizante do Filho, considera as pupilas cansadas, o rosto pálido, os lábios lívidos, a respiração difícil e finalmente sabe que Ele não vive mais e que já entregou o espírito no seio do eterno Pai. Ah, então a alma dela faz todo esforço possível para se separar do corpo e unir-se à de Jesus. E quem pode suportar tal visão.

Ó Mãe muitíssimo dolorosa, em vez de se retirar do Calvário para não sentir tão intensamente as angústias, permaneceis imóvel para absorver até a última gota o cálice amargo de vossas aflições. Que confusão deve ser esta para mim que busco todos os meios para evitar as cruces e os pequenos sofrimentos que, para meu bem, o Senhor se digna enviar-me? Virgem muitíssimo dolorosa, humilho-me diante de vós, ah! fazei que eu conheça claramente o valor e o grande mérito do sofrimento, para que me apegue tanto a ele que nunca me canse de exclamar com São Francisco Xavier: Plus Domine, Plus Domine, mais sofrer, meu Deus. Ah sim, mais sofrer, ó meu Deus. Assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Sexta dor

Nesta sexta dor, imaginemo-nos vendo a Virgem desconsolada que recebe nos braços o corpo morto de seu Filho, retirado da Cruz.

Meditação

Considera a dor mais amarga que penetrou a alma de Maria quando viu no seu colo o corpo morto do amado Jesus. Ah! ao fixar o olhar nas feridas e nas chagas dele, ao contemplá-lo tingido com seu próprio sangue, foi tal o ímpeto da dor interior que seu coração foi mortalmente traspassado, e se não morreu foi a onipotência divina que a conservou viva. Ó pobre Mãe, sim, pobre mãe, que conduzis ao túmulo o caro objeto de

vossas mais ternas complacências, e que de um ramo de rosas se tornou um feixe de espinhos pelos maus-tratos e rasgos feitos pelos ímpios malfeitores. E quem não terá compaixão de vós? Quem não se sentirá dilacerado pela dor ao ver-vos num estado de aflição que comove até a pedra mais dura? Vejo João inconsolável, Madalena com as outras Marias que choram amargamente, Nicodemos que não pode mais suportar a aflição. E eu? Eu sozinho não derramo uma lágrima em meio a tanto sofrimento! Ingrato e ignorante que sou!

Ah! Mãe piedosíssima, aqui estou aos vossos pés, recebei-me sob a vossa poderosa proteção e fazei com que este meu coração seja traspassado por aquela mesma espada que atravessou de parte a parte o vosso aflito espírito, para que se amoleça uma vez e chore verdadeiramente meus graves pecados que vos causaram tão cruel martírio. E assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Sétima dor

Nesta sétima dor, consideremos a Virgem muitíssimo dolorosa que vê seu Filho morto ser sepultado.

Meditação

Considera o suspiro mortal que enviou o aflito coração de Maria quando viu seu amável Jesus ser colocado no túmulo! Oh que dor, que sofrimento sentiu seu espírito quando foi levantada a pedra com que se deveria fechar aquele sacratíssimo monumento! Não era possível afastá-la da borda do sepulcro, enquanto a dor era tal que a tornava insensível e imóvel, sem cessar de contemplar aquelas chagas e aquelas feridas cruéis. Quando então o túmulo foi fechado, oh, então sim, tal foi a força da dor interior que ela teria certamente caído morta se Deus não a tivesse conservado viva. Ó Mãe muitíssimo atribulada! Agora partireis com o corpo deste lugar, mas aqui certamente ficará vosso coração, pois aqui está vosso verdadeiro tesouro. Ah destino, que em companhia

dele fique todo nosso afeto, todo nosso amor, como poderá ser que não nos derretamos de benevolência para com o Salvador, que deu todo seu sangue por nossa salvação? Como poderá ser que não amemos a Vós que tanto sofrestes por nossa causa.

Agora nós, chorando arrependidos por termos causado tantas dores a vosso Filho e a vós tanta amargura, prostramo-nos aos vossos pés e por todas aquelas dores que nos fizestes a graça de meditar, concedei-nos este favor: que a memória das mesmas fique sempre vivamente impressa em nossa mente, que nossos corações se consumam por amor ao nosso bom Deus, e a Vós, nossa doce Mãe, e que o último suspiro de nossa vida se una àqueles que derramastes do fundo da vossa alma na dolorosa paixão de Jesus, a quem seja honra, glória e ação de graças pelos séculos dos séculos. Assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Então se reza o *Stabat Mater*, como acima.

Antífona. *Tuam ipsius animam (ait ad Mariam Simeon) pertransiet gladius.* [Tua própria alma (disse Simeão a Maria) uma espada transpassará]

Rogai por nós, Virgem Dolorosa.

Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos

Deus, em cuja paixão, segundo a profecia de Simeão, a doce alma da Gloriosa Virgem e Mãe Maria Dolorosa foi traspassada pela espada, concedei propício que, nós que recordamos a memória de suas dores, alcancemos felizmente o efeito da vossa paixão. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amém.

Louvado seja Deus e a Virgem Dolorosa.

Com permissão da Revisão Eclesiástica

A Festa das Sete Dores de Maria Virgem Dolorosa, celebrada pela Pia União e Sociedade, ocorre no terceiro domingo de setembro na Igreja de São Francisco de Assis.

Texto da 3ª edição, Turim, Tipografia de Giulio Speirani e filhos, 1871

As sete alegrias de Nossa Senhora

No coração da obra educativa e espiritual de São João Bosco, a figura de Nossa Senhora ocupa um lugar privilegiado e luminoso. Dom Bosco não foi apenas um grande educador e fundador, mas também um fervoroso devoto da Virgem Maria, a quem venerava com profundo afeto e a quem confiava todos os seus projetos pastorais. Uma das expressões mais características dessa devoção é a prática das “Sete alegrias de Nossa Senhora”, proposta de forma simples e acessível em sua publicação “O jovem instruído”, um dos textos mais difundidos em sua pedagogia espiritual.

Uma obra para a alma dos jovens

Em 1875, Dom Bosco publicou uma nova edição de “O jovem instruído na prática de seus deveres nos exercícios de piedade cristã”, um manual de orações, exercícios espirituais e normas de conduta cristã pensado para os jovens. Este livro, redigido com um estilo sóbrio e paternal, tinha a intenção de acompanhar os jovens em sua formação moral e religiosa, introduzindo-os a uma vida cristã integral. Nele também havia espaço para a devoção às “Sete Alegrias de Maria Santíssima”, uma oração simples, mas intensa, estruturada em sete pontos. Diferentemente das “Sete Dores de Nossa Senhora”, muito mais

conhecidas e difundidas na piedade popular, as “Sete alegrias” de Dom Bosco enfatizam as alegrias da Santíssima Virgem no Paraíso, consequência de uma vida terrena vivida na plenitude da graça de Deus.

Essa devoção tem origens antigas e foi particularmente apreciada pelos Franciscanos, que a difundiram a partir do século XIII, como Rosário das Sete Alegrias da Bem-Aventurada Virgem Maria (ou Coroa Seráfica). Na forma franciscana tradicional, é uma oração devocional composta por sete dezenas de Ave Marias, cada uma precedida por um mistério alegre (alegria) e introduzida por um Pai Nosso. Ao final de cada dezena, reza-se um Glória ao Pai. As alegrias são: 1. A Anunciação do Anjo; 2. A visita a Santa Isabel; 3. O nascimento do Salvador; 4. A adoração dos Magos; 5. O encontro de Jesus no templo; 6. A ressurreição do Filho; 7. A assunção e coroação de Maria no céu.

Dom Bosco, inspirando-se nessa tradição, oferece uma versão simplificada, adequada à sensibilidade dos jovens.

Cada uma dessas alegrias é meditada através da recitação de uma Ave Maria e um Glória ao Pai.

A pedagogia da alegria

A escolha de propor aos jovens essa devoção não responde apenas a um gosto pessoal de Dom Bosco, mas se insere plenamente em sua visão educativa. Ele estava convencido de que a fé deveria ser transmitida através da alegria, não do medo; através da beleza do bem, não do temor do mal. As “Sete alegrias” tornam-se assim uma escola de alegria cristã, um convite a reconhecer que, na vida da Virgem, a graça de Deus se manifesta como luz, esperança e realização.

Dom Bosco conhecia bem as dificuldades e sofrimentos que muitos de seus jovens enfrentavam diariamente: a pobreza, o abandono familiar, a precariedade do trabalho. Por isso, oferecia-lhes uma devoção mariana que não se limitasse ao pranto e à dor, mas que fosse também uma fonte de consolo e alegria. Meditar as alegrias de Maria significava abrir-se a uma visão positiva da vida, aprender a reconhecer a presença

de Deus mesmo nos momentos difíceis e confiar com fé na ternura da Mãe celeste.

Na publicação “O jovem instruído”, Dom Bosco escreve palavras tocantes sobre o papel de Maria: apresenta-a como mãe amorosa, guia segura e modelo de vida cristã. A devoção às suas alegrias não é uma simples prática devocional, mas um meio para entrar em relação pessoal com Nossa Senhora, para imitar suas virtudes e receber sua ajuda materna nas provas da vida. Para o santo turinense, Maria não é distante ou inacessível, mas próxima, presente, ativa na vida de seus filhos. Essa visão mariana, fortemente relacional, atravessa toda a espiritualidade salesiana e se reflete também na vida cotidiana dos oratórios: ambientes onde a alegria, a oração e a familiaridade com Maria caminham lado a lado.

Um legado vivo

Ainda hoje, a devoção às “Sete alegrias de Nossa Senhora” mantém intacto seu valor espiritual e educativo. Em um mundo marcado por incertezas, medos e fragilidades, ela oferece um caminho simples, mas profundo, para descobrir que a fé cristã é, antes de tudo, uma experiência de alegria e luz. Dom Bosco, profeta da alegria e da esperança, nos ensina que a verdadeira educação cristã passa pela valorização dos afetos, das emoções e da beleza do Evangelho.

Redescobrir hoje as “Sete alegrias” significa também recuperar um olhar positivo sobre a vida, a história e a presença de Deus. Com sua humildade e sua confiança, Nossa Senhora nos ensina a guardar e meditar no coração os sinais da verdadeira alegria, aquela que não passa, porque fundada no amor de Deus. Em um tempo em que também os jovens buscam luz e sentido, as palavras de Dom Bosco permanecem atuais: “Se quiserem ser felizes, pratiquem a devoção a Maria Santíssima”. As “Sete alegrias” são, então, uma pequena escada para o céu, um rosário de luz que une a terra ao coração da Mãe celeste.

Aqui está também o texto original retirado de “O jovem instruído na prática de seus deveres religiosos”, 1952 (pp.

230-231), com nossos títulos.

As sete alegrias que Maria desfruta no Céu

1. Pureza cultivada

Alegrai-vos, ó Esposa imaculada do Espírito Santo, por aquele gozo que experimentais agora no Paraíso, porque por vossa humildade, pureza e virgindade fostes exaltada acima de todos os Anjos e sublimada além de todos os santos.

Ave Maria e Glória.

2. Sabedoria buscada

Alegrai-vos, ó Mãe de Deus, por aquele gozo que experimentais no Paraíso, porque da mesma forma que o sol cá na terra ilumina o mundo inteiro, assim vós com vosso resplendor embelezais e fazeis resplandecer todo o Paraíso.

Ave Maria e Glória.

3. Obediência filial

Alegrai-vos, ó Filha de Deus, pela sublime dignidade a que fostes exaltada no Paraíso, porque todas as Hierarquias dos Anjos, dos Arcanjos, dos Tronos, das Dominações e de todos os Espíritos Bem-Aventurados vos prestam honra e reverência e vos reconhecem como Mãe de seu Criador, e ao menor aceno vosso, vos prestam imediata obediência.

Ave Maria e Glória.

4. Oração contínua

Alegrai-vos, ó Serva da Santíssima Trindade, pelo grande poder que tendes no Paraíso, porque vos são imediatamente concedidas todas as graças que pedis ao vosso Filho Jesus, de tal sorte que, diz São Bernardo, não se concede nenhuma graça aos homens, sem que antes passe por vossas mãos santíssimas.

Ave Maria e Glória.

5. Humildade vivida

Alegrai-vos, ó Augustíssima Rainha, porque só vós merecestes sentar à direita do vosso Santíssimo Filho, que está assentado à direita do Eterno Pai.

Ave Maria e Glória.

6. Misericórdia praticada

Alegrai-vos, ó Esperança dos pecadores, Refúgio dos atribulados, ao ver que todos os que vos louvam e veneram neste mundo são premiados pelo Eterno Pai com a sua santa graça na terra e com a sua imensa glória no céu.

Ave Maria e Glória.

7. Esperança premiada

Alegrai-vos, ó Mãe, Filha e Esposa de Deus, porque todas as graças, todos os gozos, todas as alegrias e todos os privilégios que agora gozais no Paraíso não diminuirão jamais; antes, aumentarão até ao dia do juízo e durarão por toda a eternidade.

Ave Maria e Glória.

Oração à beatíssima Virgem

Ó gloriosa Virgem Maria, Mãe do meu Senhor, fonte de todas as nossas consolações, por estas vossas alegrias, que recordei com a maior devoção que me foi possível, rogo-vos me alcanceis de Deus a remissão dos meus pecados e o auxílio contínuo de sua graça, para que nunca me torne indigno da vossa proteção, mas pelo contrário tenha a dita de receber todos os favores celestes que costumais alcançar e conceder aos que fazem devota comemoração destas alegrias, que inundam o vosso belo Coração, ó Rainha imortal do Céu. Assim seja.

Foto: shutterstock.com

Dom Bosco e os títulos de

Nossa Senhora

A devoção mariana de Dom Bosco nasce de uma relação filial e viva com a presença materna de Maria, experimentada em todas as fases de sua vida. Desde os pilares votivos erguidos durante a infância em Becchi, passando pelas imagens veneradas em Chieri e Turim, até as peregrinações realizadas com seus meninos aos santuários do Piemonte e da Ligúria, cada etapa revela um título diferente da Virgem – Consolata, Dolorosa, Imaculada, Nossa Senhora das Graças e muitos outros – que fala aos fiéis de proteção, conforto e esperança. O título que definiria para sempre sua veneração, no entanto, foi “Maria Auxiliadora”: foi a própria Nossa Senhora, segundo a tradição salesiana, quem o indicou. Em 8 de dezembro de 1862, Dom Bosco confidenciou ao clérigo Giovanni Cagliero: “Até agora”, acrescentou, “celebramos com solenidade e pompa a festa da Imaculada, e neste dia foram iniciadas as primeiras obras de nossos oratórios festivos. Mas Nossa Senhora quer que a honremos sob o título de Maria Auxiliadora: os tempos são tão tristes que realmente precisamos que a Santíssima Virgem nos ajude a conservar e defender a fé cristã.” (MB VII, 334)

Os títulos marianos

Escrever hoje um artigo sobre os “títulos marianos” sob os quais Dom Bosco venerou a Santíssima Virgem durante a sua vida pode parecer fora de lugar. Alguém, de fato, poderia dizer: Nossa Senhora não é uma só? Para que servem tantos títulos se não para criar confusão? E então, afinal de contas, a Nossa Senhora de Dom Bosco não é Maria Auxiliadora?

Deixando para os especialistas as reflexões mais profundas que justificam esses títulos do ponto de vista histórico, teológico e devocional, vamos nos contentar com uma passagem da “Lumen Gentium”, o documento sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, que nos tranquiliza, lembrando-nos de que Maria é nossa mãe e que “com a sua multiforme intercessão, continua a

alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. *Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Socorro, Medianeira*” (*Lumen Gentium* 62).

Esses quatro títulos admitidos pelo Concílio, bem considerados, englobam em síntese toda uma série de títulos e invocações com os quais o povo cristão chamou Maria, títulos que fizeram Alexandre Manzoni exclamar:

«O Vergine, o Signora, o Tuttasanta, che bei nomi ti serba ogni loquela: più d'un popol superbo esser si vanta in tua gentil tutela» (de *“Il nome di Maria”*). [Ó Virgem, ó Senhora, ó Santíssima, toda oração te reserva grandes nomes. Muitos povos se gloriam orgulhosamente de serem guardados sob a tua proteção] (de *“O Nome de Maria”*).

A própria Liturgia da Igreja parece entender e justificar os louvores que o povo cristão eleva a Maria, quando pergunta: “Como cantaremos teus louvores, Santa Virgem Maria?”.

Portanto, deixemos as dúvidas de lado e vejamos quais títulos marianos eram caros a Dom Bosco, antes mesmo que ele difundisse o de Maria Auxiliadora em todo o mundo.

Em sua juventude

As edículas ou ermidas sagradas espalhadas pelas ruas das cidades em muitas partes da Itália, as capelas e os pilares rurais encontrados nos cruzamentos de estradas ou na entrada de estradas particulares em nossas terras constituem um patrimônio de fé popular que até hoje o tempo não apagou.

Seria uma tarefa árdua calcular exatamente quantas podem ser encontradas nas estradas do Piemonte. Somente na área de “Becchi-Morialdo” há cerca de vinte, e nada menos que quinze na área de Capriglio.

Em sua maioria, são pilares votivos herdados dos antigos e restaurados várias vezes. Há também os mais recentes que documentam uma piedade que não desapareceu.

O pilar mais antigo da região de Becchi parece datar de 1700. Foi erguido no fundo da “planície” em direção ao *Mainito*, onde as famílias que viviam na antiga “*Scaiota*”, mais tarde uma propriedade rural salesiana, agora em reforma, costumavam se reunir.

Esse é o pilar da Consolata, com uma pequena estátua da Virgem Consoladora dos Aflitos, sempre homenageada com flores do campo trazidas pelos devotos.

Joãozinho Bosco deve ter passado por esse pilar muitas vezes, tirando o chapéu, talvez dobrando o joelho e murmurando uma Ave Maria, como sua mãe lhe ensinara.

Em 1958, os salesianos reformaram o velho pilar e, com um solene serviço religioso, o inauguraram para um renovado culto da comunidade e da população.

Aquela pequena estátua da Consolata poderia ter sido a primeira efígie de Maria que Dom Bosco venerou ao ar livre durante sua vida.

Na antiga casa

Sem mencionar as igrejas de Morialdo e Capriglio, não sabemos exatamente quais imagens religiosas estavam penduradas nas paredes da propriedade Biglione ou da “Casetta” de Dom Bosco. Sabemos que mais tarde, na casa de José, quando Dom Bosco foi se hospedar lá, pôde ver dois quadros antigos nas paredes de seu quarto, um da Sagrada Família e outro de Nossa Senhora dos Anjos. Assim assegurou a Irmã Eulália Bosco. Onde José as conseguiu? Será que João as viu quando era menino? O da Sagrada Família ainda está em exibição hoje no quarto do meio, no primeiro andar da casa de José. Mostra São José sentado em sua mesa de trabalho, com o Menino nos braços, enquanto Nossa Senhora, de pé do outro lado, observa.

Sabemos também que na propriedade Moglia, perto de Moncucco, Joãozinho costumava fazer as orações e rezar o rosário com a família dos proprietários em frente de um pequeno quadro de Nossa Senhora das Dores, que ainda é mantido nos Becchi no primeiro andar da casa de José, no quarto de Dom Bosco, acima da cabeceira da cama. Ele está muito enegrecido, com uma

moldura preta contornada em ouro na parte interna.

Em Castelnuovo, Joãozinho tinha ocasiões frequentes de ir à Igreja de Nossa Senhora do Castelo para rezar à Santíssima Virgem. Na Festa da Assunção, os habitantes do vilarejo levavam a estátua de Nossa Senhora em procissão. Nem todo mundo sabe que essa estátua, assim como o quadro do ícone no altar-mor, representam Nossa Senhora da Correia, a dos Agostinianos.

Em Chieri, o estudante e clérigo seminarista João Bosco rezou muitas vezes no altar de Nossa Senhora das Graças na Catedral de Santa Maria da Escada, no do Santo Rosário na Igreja de São Domingos e diante da Imaculada Conceição na capela do Seminário.

Assim, em sua juventude, Dom Bosco teve a oportunidade de venerar Maria Santíssima sob os títulos de Consolata, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora do Rosário e Imaculada.

Em Turim

Em Turim, João Bosco já havia ido à Igreja de Nossa Senhora dos Anjos para fazer o exame de admissão à Ordem Franciscana em 1834. Voltou lá várias vezes para fazer os Exercícios Espirituais, em preparação para as Ordens Sagradas, na Igreja da Visitação, e recebeu as Ordens Sagradas na Igreja da Imaculada Conceição, na Cúria Arquiepiscopal.

Quando chegava ao Colégio Eclesiástico, certamente rezava com frequência diante da imagem da Anunciação, na primeira capela à direita, na Igreja de São Francisco de Assis. A caminho da Catedral entrando, como é costume ainda hoje, pelo portal da direita, quantas vezes ele parou por um momento em frente à antiga estátua de Nossa Senhora das Graças, conhecida pelos antigos turinenses como “La Madòna Granda”.

Se pensarmos, então, nas caminhadas de peregrinação que Dom Bosco costumava fazer com seus meninos de Valdocco aos santuários marianos de Turim nos dias do Oratório itinerante, podemos nos lembrar, em primeiro lugar, do Santuário da Consolata, o coração religioso de Turim, cheio de lembranças

do primeiro Oratório. Dom Bosco levou muitas vezes os seus jovens à “Consolata”. Ele mesmo recorreu à “Consolata”, em lágrimas, quando da morte de sua mãe.

Mas não podemos nos esquecer dos passeios pela cidade a Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora da Campanha, no Monte dos Capuchinhos, à Igreja da Natividade em Pozzo Strada, à Igreja das Graças em Crocetta.

A viagem de peregrinação mais espetacular daqueles primeiros anos do Oratório foi a Nossa Senhora de Superga. Essa monumental igreja dedicada à Natividade de Maria lembrou aos jovens de Dom Bosco que a Mãe de Deus é “como uma aurora que surge”, um prelúdio da vinda de Cristo.

Assim, Dom Bosco fez com que seus meninos vivenciassem os mistérios da vida de Maria por meio de seus mais belos títulos.

Nos passeios de outono

Em 1850, Dom Bosco inaugurou os passeios “ao ar livre”, primeiro nos Becchi e arredores, depois nas colinas de Monferrato até Casale, de Alexandria até Tortona e na Ligúria até Gênova.

Nos primeiros anos, seu destino principal, se não exclusivo, era os Becchi e arredores, onde celebrava a festa do Rosário com solenidade na pequena capela erguida no andar térreo da casa de seu irmão José em 1848.

Os anos de 1857 a 1864 foram os anos dourados das caminhadas de outono, e os meninos participavam delas em grupos cada vez maiores, entrando nos vilarejos com a banda de música à frente, recebidos festivamente pelo povo e pelos párocos locais. Eles descansavam em celeiros, comiam refeições frugais de camponeses, realizavam cultos devotos nas igrejas e, à noite, faziam apresentações em um palco improvisado.

Em 1857, o destino da peregrinação foi *Santa Maria di Vezzolano*, um santuário e abadia muito queridos por Dom Bosco, localizados abaixo do vilarejo de Albugnano, a 5 km de Castelnuovo.

Em 1861, foi a vez do *santuário de Crea*, famoso em todo o

Monferrato. Naquela mesma viagem, Dom Bosco levou novamente os meninos a Nossa Senhora do Poço, em São Salvador.

Em 14 de agosto de 1862, de Vignale, onde se encontravam os jovens, Dom Bosco conduziu o alegre grupo em uma peregrinação ao santuário de *Nossa Senhora das Graças*, em Casorzo. Poucos dias depois, em 18 de outubro, antes de deixarem Alexandria, foram novamente à catedral para rezar a *Nossa Senhora da Salve (Rainha)*, venerada com tanta piedade pelos alexandrinos, para obter uma feliz conclusão de seu passeio.

Também na última caminhada de 1864 em Gênova, no caminho de volta, entre Serravalle e Mornese, um grupo liderado pelo P. Cagliero fez uma devota peregrinação ao santuário de *Nossa Senhora da Guarda*, em Gavi.

Esses passeios de peregrinação retomavam os vestígios de uma religiosidade popular característica de nosso povo; eram a expressão de uma devoção mariana, que João Bosco havia aprendido com sua mãe.

E mais ainda...

Nos anos de 1860, o título de Maria Auxiliadora começou a dominar a mente e o coração de Dom Bosco, com a construção da igreja com a qual ele sonhava desde 1844 e que se tornou o centro espiritual de Valdocco, a igreja-mãe da Família Salesiana, o ponto de irradiação da devoção a Nossa Senhora, invocada sob esse título.

Mas as peregrinações marianas de Dom Bosco não cessaram por causa disso. Basta segui-lo em suas longas viagens pela Itália e pela França para ver com que frequência ele aproveitava a oportunidade para uma visita rápida ao santuário da Virgem do lugar.

De *Nossa Senhora de Oropa*, no Piemonte, a *Nossa Senhora do Milagre*, em Roma; de *Nossa Senhora do Boschetto*, em Camogli, a *Nossa Senhora de Gennazzano*; de *Nossa Senhora do Fogo*, em Forlì, a *Nossa Senhora do Olmo*, em Cuneo; de *Nossa Senhora da Boa Esperança*, em Bigione, a *Nossa Senhora das Vitórias*, em Paris.

Nossa Senhora das Vitórias, colocada em um nicho dourado, é

uma rainha de pé, segurando seu Filho Divino com as duas mãos. Jesus tem seus pés apoiados na bola estrelada que representa o mundo.

Diante dessa Rainha das Vitórias em Paris, Dom Bosco fez um “sermão de caridade” em 1883, ou seja, uma dessas conferências para obter ajuda para suas obras de caridade para jovens pobres e abandonados. Foi sua primeira conferência na capital francesa, no santuário que é para os parisienses o que o santuário da Consolata é para o povo de Turim.

Esse foi o ponto culminante das andanças marianas de Dom Bosco, que começaram aos pés da coluna da Consolata, sob a “Scaiota” dos Becchi.

Novena a Maria Auxiliadora 2025

Esta novena a Maria Auxiliadora 2025 nos convida a nos redescobrirmos filhos sob o olhar materno de Maria. A cada dia, através das grandes aparições – de Lourdes a Fátima, de Guadalupe a Banneux – contemplamos um traço do seu amor: humildade, esperança, obediência, assombro, confiança, consolação, justiça, doçura, sonho. As meditações do Reitor-Mor e as orações dos “filhos” nos acompanham em um caminho de nove dias que abre o coração à fé simples dos pequenos, alimenta a oração e encoraja a construir, com Maria, um mundo curado e cheio de luz, para nós e para todos aqueles que buscam esperança e paz.

1º Dia

Ser Filhos – Humildade e fé

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está

sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.
E nós, somos capazes de vê-la?
Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de Lurdes

A pequena Bernadette Soubirous

11 de fevereiro de 1858. Eu acabara de completar 14 anos. Era uma manhã como qualquer outra, um dia de inverno. Estávamos com fome, como sempre. Havia uma caverna, com uma entrada escura. No silêncio, senti uma grande brisa. O arbusto moveu-se, foi sacudido por uma grande força. Vi, então, uma jovem mulher, branca, não mais alta do que eu, que me cumprimentou com uma leve inclinação da cabeça; ao mesmo tempo, afastou um pouco do corpo os braços estendidos, abrindo as mãos, como as estátuas de Nossa Senhora; fiquei com medo. Então, ocorreu-me rezar: peguei o terço que sempre levo comigo e comecei a rezar o rosário.

Maria mostra-se a sua filha Bernadette Soubirous. A ela, que não sabia ler nem escrever, que falava dialeto e não frequentava o catecismo. Uma menina pobre, alvo de bullying de todos na aldeia, no entanto mesmo assim pronta a confiar e entregar-se, como quem não tem nada. E nada a perder. Maria confia-lhe os seus segredos, e o faz porque confia nela. Trata-a com ternura, dirige-se a ela com gentileza, diz-lhe “por favor”. E Bernadette se abandona e acredita nela, exatamente como uma criança faz com a própria mãe. Acredita na promessa que Nossa Senhora lhe faz: **de não a fazer feliz neste mundo, mas no outro**. E ela se lembra dessa promessa por toda a vida. Uma promessa que lhe permitirá enfrentar todas as dificuldades de cabeça erguida, com força e determinação, fazendo o que Nossa Senhora lhe pediu: rezar, rezar sempre por todos nós, pecadores. Ela também promete: guarda os segredos de Maria e dá voz ao seu pedido de um Santuário no local da aparição. E, no momento da morte, Bernadette sorri, recordando o rosto de Maria, seu olhar terno, seus silêncios, suas poucas, mas intensas palavras e, sobretudo, aquela promessa. E

se sente filha, filha de uma Mãe que cumpre as suas promessas.

Maria, Mãe que promete

Tu, que prometeste ser mãe da humanidade, ficaste ao lado dos teus filhos, a começar pelos pequenos e mais pobres. A eles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Tem fé: Maria se mostra também a nós se soubermos despojar-nos de tudo.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, humildade e fé

Podemos dizer que a Bem-Aventurada Virgem Maria é para nós um farol de humildade e de fé que acompanha o nosso tempo, acompanha a nossa vida, acompanha a experiência de todos e de cada um de nós. Não esqueçamos, porém, que a humildade de Maria não é, antes de qualquer coisa, uma simples modéstia exterior, não é uma fachada, mas sim uma profunda consciência da sua pequenez diante da grandeza de Deus.

O seu “sim, eis aqui a serva do Senhor”, que ela pronunciou diante do anjo, é um ato de humildade, não de presunção; é um abandono confiante de quem se reconhece instrumento nas mãos de Deus. Maria não busca reconhecimento, Maria busca simplesmente ser serva, colocando-se silenciosamente em último lugar, com humildade, com simplicidade que nos desarma. Esta humildade, uma humildade radical, é a chave que abriu o coração de Maria à Graça Divina, permitindo que o Verbo de Deus, com a sua grandeza, com a sua imensidão, se encarnasse no seu seio humano.

Eis que Maria nos ensina a sermos como somos, com a nossa humildade, sem orgulho, sem depender da nossa autoridade, da nossa autorreferência, colocando-nos livremente diante de Deus para que possamos colher com plena liberdade e disponibilidade, como o fez Maria, o amor divino e viver a Sua vontade. Eis o segundo ponto, eis a fé de Maria. A humildade de serva a coloca em um caminho constante de adesão

incondicional ao projeto de Deus, mesmo nos momentos mais obscuros e incompreensíveis, o que significa enfrentar com coragem a pobreza da sua experiência na gruta de Belém, a fuga para o Egito, a vida escondida em Nazaré, mas sobretudo aos pés da cruz, onde a fé de Maria atinge o seu ápice.

Sob a cruz, com um coração trespassado pela dor, Maria não vacila, Maria não cai, Maria crê na promessa. Sua fé não é um sentimento passageiro, mas uma rocha sólida sobre a qual se fundamenta a esperança da humanidade, a nossa esperança. A humildade e a fé em Maria estão intrinsicamente ligadas.

Deixemos que esta humildade de Maria ilumine a nossa humanidade para que também a fé possa brotar em nós, para que, reconhecendo a nossa pequenez diante de Deus, não nos sintamos abandonados por sermos pequenos, não nos deixemos vencer pelas presunções, mas nos coloquemos ali, como Maria, com uma atitude de grande liberdade, com uma atitude de grande disponibilidade, reconhecendo a nossa dependência de Deus, vivamos com Deus na simplicidade, mas ao mesmo tempo na grandeza. Assim, Maria nos exorta a cultivar uma fé serena e firme, capaz de superar as provações e confiar na promessa de Deus. Contemplemos a figura de Maria, humilde e fiel, para que também nós possamos dizer generosamente o nosso “sim”, como ela o fez.

E nós, somos capazes de acolher as suas promessas de amor com o olhar de uma criança?

Oração de um filho infiel

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...
torna puro o meu coração.

Torna-me humilde, pequeno, capaz de perder-me no teu abraço de mãe.

Ajuda-me a redescobrir a importância do papel de filho e guia os meus passos.

Tu prometes, eu prometo, num pacto que só mãe e filho podem fazer.

Eu cairei, mãe, tu o sabes.

Nem sempre cumprirei as minhas promessas.

Nem sempre confiarei.

Nem sempre conseguirei te ver.

Mas tu, permanece presente, em silêncio, com o teu sorriso, os braços estendidos e as mãos abertas.

E eu pegarei o terço e rezarei contigo por todos os filhos como eu.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

2º Dia

Ser Filhos – Simplicidade e esperança

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de Fátima

Os pequenos pastorinhos na Cova da Iria

Na Cova da Iria, por volta das 13h, o céu se abre e o sol aparece. De repente, por volta das 13h30, acontece o improvável: diante de uma multidão admirada, ocorre o milagre mais espetacular, grandioso e incrível já visto desde os tempos bíblicos. O sol inicia uma dança frenética e assustadora que durará mais de dez minutos. Um tempo longuíssimo.

Três pastorinhos, humildes e felizes, testemunham e espalham o milagre que abala milhões de pessoas. Ninguém consegue explicar, dos cientistas aos homens de fé. No entanto, três crianças viram Maria, ouviram a sua mensagem. E acreditam, acreditam nas palavras daquela mulher que apareceu e pediu-lhes para voltarem à Cova da Iria todo dia 13 do mês. Não precisam de explicações, pois depositam toda a sua esperança nas palavras repetidas de Maria. Uma esperança difícil de

manter viva, que teria assustado qualquer criança: Nossa Senhora revela a Lúcia, Jacinta e Francisco sofrimentos e conflitos mundiais. Mas eles não têm dúvidas: quem confia na proteção de Maria, mãe protetora, pode enfrentar tudo. E sabem disso muito bem, sentiram na própria pele ao arriscar serem mortos para não trair a palavra dada à mãe celeste. Os três pastorinhos estavam prontos para o martírio, presos e ameaçados diante de um caldeirão de óleo fervente.

Tinham medo:

«Por que temos que morrer sem abraçar os nossos pais? Eu queria tanto ver a minha mãe».

Mesmo assim, decidiram continuar a ter esperança, a acreditar num amor maior do que eles:

«Não tenhais medo. Ofereçamos este sacrifício pela conversão dos pecadores. Pior seria se Nossa Senhora não voltasse mais».

«Por que não rezamos o Terço?».

Uma mãe jamais ignora o clamor dos filhos. E nela os filhos depositam esperança.

Maria, Mãe que protege, permaneceu ao lado dos seus três filhos de Fátima e os salvou, fazendo com que permanecessem vivos. E hoje ainda protege todos os seus filhos no mundo que peregrinam até o santuário de Nossa Senhora de Fátima.

Maria, Mãe que protege

Tu, que cuidas da humanidade desde o momento da Anunciação, continuas ao lado dos teus filhos mais humildes e cheios de esperança. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Deposita a tua esperança em Maria: ela saberá proteger-te.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, esperança e renovação

A Bem-Aventurada Virgem Maria é a aurora da esperança, fonte inesgotável de renovação.

Contemplar a figura de Maria é como voltar o olhar para um horizonte luminoso, um convite constante a crer num futuro cheio de Graça. E esta Graça é transformadora. Maria é a

personificação da esperança cristã em ação. A sua fé inabalável perante as provações, a sua perseverança em seguir Jesus até à cruz, a sua confiante expectativa da ressurreição são as coisas mais importantes. Para nós, são um farol de esperança para toda a humanidade.

Em Maria vemos como a certeza é, por assim dizer, a confirmação da promessa de um Deus que nunca falha em cumprir a sua palavra. Que a dor, o sofrimento, a escuridão não têm a última palavra. Que a morte é vencida pela vida.

Maria é a esperança! Ela é a estrela da manhã que anuncia a vinda do sol da justiça. Recorrer a Ela significa confiar as nossas expectativas, as nossas aspirações a um coração materno que as apresenta amorosamente ao seu Filho Ressuscitado. De alguma forma, a nossa esperança é sustentada pela esperança de Maria. E se há esperança, as coisas não permanecem como antes; há renovação! A renovação da vida. Ao acolher o Verbo encarnado, Maria tornou possível crer na esperança e na promessa de Deus. Ela tornou possível uma nova criação, um novo começo.

A maternidade espiritual de Maria continua a nos gerar na fé, acompanhando-nos no nosso caminho de crescimento e transformação interior.

Peçamos à Santíssima Maria a graça necessária para que esta esperança que vemos realizada nela renove os nossos corações, cure as nossas feridas, faça-nos ultrapassar o véu da negatividade para empreender um caminho de santidade, um caminho de proximidade com Deus. Peçamos a Maria, a mulher que está com os apóstolos na oração, que nos ajude hoje, fiéis e comunidades cristãs, para que sejamos sustentados na fé e abertos aos dons do Espírito, para que a face da terra seja renovada. Maria nos exorta a nunca nos resignarmos ao pecado e à mediocridade, mas, cheios de esperança nela realizada, desejamos ardentemente uma nova vida em Cristo. Que Maria continue sendo para nós modelo e apoio para continuarmos sempre a acreditar na possibilidade de um novo começo, de um

renascimento interior que nos conforme cada vez mais à imagem de seu filho Jesus.

E nós, somos capazes de confiar nela e nos deixarmos proteger com os olhos de uma criança?

Oração de um filho desanimado

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração simples e cheio de esperança.

Eu confio em ti: protege-me em todas as situações.

Entrego-me a ti: protege-me em todas as situações.

Eu escuto a tua palavra: protege-me em toda as situações.

Dá-me a capacidade de crer no impossível e de fazer tudo o que está ao meu alcance

para levar o teu amor, a tua mensagem de esperança e a tua proteção ao mundo inteiro.

Peço-te, minha Mãe, protege toda a humanidade, mesmo aquela que ainda não te reconhece.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

3º Dia

Ser Filho – Obediência e dedicação

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de Guadalupe

O jovem Juan Diego

«Juan Diego», disse a Senhora, «pequeno e preferido entre os meus filhos...». Juan ficou de pé num salto.

«Aonde vais, Juanito?», perguntou a Senhora.

Juan Diego respondeu com a maior educação possível. Disse à Senhora que ia à igreja de Santiago para assistir à Missa em honra à Mãe de Deus.

«Meu filho amado», disse a Senhora, «sou eu a Mãe de Deus, e quero que me escutes com atenção. Tenho uma mensagem muito importante para ti. Desejo que me construam uma igreja neste lugar, de onde poderei mostrar o meu amor ao teu povo».

Um diálogo doce, simples e terno, como o de uma mãe com seu filho. E Juan Diego obedeceu: foi até o bispo para relatar o que tinha visto, mas este não lhe deu crédito. Então, o jovem voltou até Maria e explicou-lhe o que tinha acontecido. Nossa Senhora deu-lhe outra mensagem e exortou-o a tentar novamente, de novo e de novo. Juan Diego obedecia, não se dava por vencido: cumpriria a tarefa que a Mãe celeste estava a confiar-lhe. Certo dia, porém, absorvido pelos problemas da vida, estava prestes a faltar ao encontro com Nossa Senhora: seu tio estava morrendo. **«Acreditas mesmo que eu me esqueceria de quem amo tanto?» Maria curou o seu tio, enquanto Juan Diego obedecia mais uma vez:**

«Meu amado filho», disse a Senhora, «sobe ao topo da colina onde nos encontramos pela primeira vez. Corta e colhe as rosas que lá encontrares. Coloque-as na tua tilma e traga-as até aqui. Eu lhe direi o que deves fazer e dizer». Mesmo sabendo que naquela colina não cresciam rosas, e certamente não no inverno, Juan correu até o topo. E lá estava o jardim mais lindo que já vira. Rosas de Castela, ainda brilhantes de orvalho, estendiam-se a perder de vista. Ele cortou delicadamente os botões mais bonitos com sua faca de pedra, encheu o seu manto com eles e voltou rapidamente até onde a Senhora o esperava. A Senhora pegou as rosas e as arrumou novamente na tilma de Juan. Depois, amarrou-a atrás do seu pescoço e disse: «Este é o sinal que o bispo quer. Rápido, vai até ele e não pares pelo caminho».

No manto aparecera a imagem de Nossa Senhora e, à vista de tal milagre, o bispo se convenceu. E hoje o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe ainda conserva o manto milagroso.

Maria, Mãe que não se esquece

Tu, que não esqueces nenhum dos teus filhos, não deixas ninguém para trás, olhaste para os jovens que depositaram em ti as suas esperanças. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Obedece mesmo quando não compreendes: uma mãe não se esquece, uma mãe não abandona.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, maternidade e compaixão

A maternidade de Maria não se limita ao seu “sim” que tornou possível a encarnação do Filho de Deus. Certamente, aquele momento é o fundamento de tudo, mas a sua maternidade é uma atitude constante, um modo de ser para nós, de nos relacionarmos com toda a humanidade.

Na cruz, Jesus confia João a ela com as palavras: “Mulher, eis aí o teu filho”, estendendo simbolicamente a sua maternidade a todos os fiéis de todos os tempos.

Maria torna-se assim a mãe da Igreja, a mãe espiritual de cada um de nós.

Vejamos, então, como esta maternidade se manifesta num cuidado terno e atencioso, numa atenção constante às necessidades dos seus filhos e num profundo desejo pelo seu bem. Maria acolhe-nos, nutre-nos com a sua expressão de fidelidade, protege-nos sob o seu manto. A maternidade de Maria é um dom imenso que nos aproxima dela; sentimos sua presença amorosa que nos acompanha a cada momento.

Portanto, a compaixão de Maria é a consequência natural da sua maternidade. Compaixão que não é somente um sentimento superficial de piedade, mas uma profunda participação na dor dos outros, um “sofrer com”. Vemo-la manifestada de forma tocante durante a paixão de seu filho. E da mesma forma que Maria não permanece indiferente à nossa dor, ela intercede por nós, nos consola, nos oferece sua ajuda maternal.

O coração de Maria se torna um refúgio seguro onde podemos

depositar nossas fadigas, encontrar conforto e esperança. Maternidade e compaixão em Maria tornam-se, por assim dizer, dois lados da mesma experiência humana em nosso favor, duas expressões de seu infinito amor a Deus e à humanidade.

Sua compaixão é a manifestação concreta de seu ser mãe, compaixão como consequência da maternidade. Contemplar Maria, então, como mãe, abre nossos corações à esperança de que nela encontramos uma experiência verdadeiramente completa. Mãe Celeste que nos ama.

Pedimos a Maria que nos faça vê-la como modelo de humanidade autêntica, de uma maternidade capaz de “sentir com”, capaz de amar, capaz de sofrer com os outros, seguindo o exemplo do seu filho Jesus, que sofreu e morreu na cruz por nosso amor.

E nós, temos certeza de que uma mãe não se esquece, com a mesma certeza das crianças?

Oração de um filho perdido

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...
torna o meu coração obediente.

Quando não te escuto, peço-te, insiste.

Quando não retorno, peço-te, vem buscar-me.

Quando não me perdoo, peço-te, ensina-me a indulgência.

Porque nós homens nos perdemos e nos perderemos sempre,
mas tu não te esqueças de nós, teus filhos errantes.

Vem buscar-nos, vem pegar-nos pela mão.

Não queremos e não podemos ficar sozinhos aqui.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

4º Dia

Ser Filhos – Admiração e reflexão

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de la Salette

Os pequenos Melânia e Maximino de La Salette

Sábado, 19 de setembro de 1846, os dois pastorinhos subiram logo cedo as encostas do monte Planeau, acima do vilarejo de La Salette, cada um levando quatro vacas para pastar. No meio do caminho, perto de uma pequena fonte, Melânia foi a primeira a ver, sobre um monte de pedras, um globo de fogo «como se o sol tivesse caído ali» e mostrou-o a Maximino. Daquela esfera luminosa começou a surgir uma mulher, sentada com a cabeça entre as mãos, os cotovelos sobre os joelhos, profundamente triste. Diante do espanto deles, a Senhora levantou-se e, com uma doce voz, em francês, disse-lhes: «Aproximai-vos, meus filhos, não tenhais medo, estou aqui para anunciar-vos uma grande notícia». Encorajados, os meninos se aproximaram e viram que a figura estava chorando.

A mãe anuncia uma grande notícia aos seus filhos, e o faz chorando. Mesmo assim, os meninos não estranham o seu choro. Escutam no mais terno dos momentos entre mãe e filhos. Porque as mães também às vezes se preocupam, porque as mães também confiam aos filhos os seus sentimentos, pensamentos e reflexões. E Maria confia aos dois pastorinhos, pobres e carentes de afeto, uma grande mensagem: «Estou preocupada com a humanidade, estou preocupada convosco, meus filhos, que estais se afastando de Deus. E a vida longe de Deus é uma vida complicada, difícil, feita de sofrimentos». É por isso que ela chora. Chora como qualquer mãe que anuncia aos seus filhos menores e mais puros uma mensagem tão surpreendente quanto grandiosa. Uma mensagem a ser anunciada a todos, a ser levada ao mundo.

E eles o farão, porque não podem guardar para si um momento tão belo: a expressão do amor da mãe pelos seus filhos precisa ser anunciada a todos. O Santuário de Nossa Senhora de La Salette, que se ergue no local das aparições, fundamenta-se na revelação da dor de Maria diante do peregrinar de seus filhos pecadores.

Maria, Mãe que anuncia/que narra

Tu, que te entregas completamente aos teus filhos, a ponto de não ter medo de lhes contar sobre ti, tocaste o coração dos teus menores filhos, capazes de refletir sobre as tuas palavras e acolhê-las com assombro. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Maravilha-te com as palavras de uma mãe: elas sempre serão as mais autênticas.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, amor e misericórdia

Sentimos estas duas dimensões de Maria? Maria é a mulher com um coração transbordante de amor, cuidado e misericórdia. Sentimo-la como um porto seguro, um refúgio seguro quando atravessamos momentos de dificuldade ou de provação.

Contemplar a imagem de Maria é como mergulhar num oceano de ternura, de compaixão. Sentimo-nos envolvidos por um ambiente, por uma atmosfera inesgotável de conforto e esperança. O amor de Maria é um amor materno que abraça toda a humanidade, porque é um amor que tem as suas raízes no seu “sim” incondicional ao desígnio de Deus.

Maria, ao acolher o seu Filho no seu ventre, acolheu o amor de Deus. Consequentemente, o seu amor não conhece fronteiras nem distinções, inclina-se sobre as fragilidades e misérias humanas, com infinita delicadeza. Vemos este amor manifestado na sua atenção a Isabel, na sua intercessão nas bodas de Caná, na sua presença silenciosa e extraordinária aos pés da cruz.

O amor de Maria, este amor materno, é um reflexo do próprio amor de Deus, um amor que se aproxima, que consola, que perdoa, que nunca se cansa, que nunca acaba. Maria nos ensina que amar significa entregar-se completamente, estar perto de quem sofre, compartilhar as alegrias e as tristezas dos nossos irmãos e irmãs com a mesma generosidade e a mesma dedicação que animavam o seu coração. Amor-misericórdia.

A misericórdia torna-se então a consequência natural do amor

de Maria, uma compaixão, podemos dizer visceral, diante do sofrimento da humanidade, do mundo. Olhamos para Maria, contemplamo-la, encontramos-la com o seu olhar materno e sentimo-lo repousar sobre as nossas fraquezas, sobre os nossos pecados, sobre a nossa vulnerabilidade, sem agressividade, mas com infinita doçura. Ela tem um coração imaculado, sensível ao grito de dor.

Maria é uma mãe que não julga, não condena, mas acolhe, consola, perdoa. Sentimos a misericórdia de Maria como um bálsamo para as feridas da alma, um abraço que aquece o coração. Maria nos lembra que Deus é rico em misericórdia e que Ele nunca se cansa de perdoar aqueles que se voltam para Ele com um coração contrito, sereno, aberto e disponível.

O amor e a misericórdia em Maria Santíssima se fundem em um abraço que envolve toda a humanidade. Peçamos a Maria que nos ajude a abrir nossos corações ao amor de Deus, como ela fez, para que esse amor permeie nossos corações, especialmente quando nos sentimos mais necessitados, mais sob o peso das provações e das dificuldades. Em Maria, encontramos uma mãe muito terna e poderosa, pronta para nos acolher em seu amor e interceder por nossa salvação.

E nós, será que ainda conseguimos maravilhar-nos como uma criança diante do amor de mãe?

Oração de um filho distante

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de compaixão e conversão.

No silêncio, eu te reencontro.

Na oração, eu te escuto.

Na reflexão, eu te descubro.

E diante das tuas palavras de amor, Mãe, fico admirado e descubro a força da tua ligação com a humanidade.

Longe de ti, quem me dá a mão nos momentos de dificuldade?

Longe de ti, quem me conforta no meu pranto?

Longe de ti, quem me aconselha quando estou pegando o caminho

errado?

Eu retorno a ti, na unidade.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

5º Dia

Ser Filhos – Confiança e oração

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

A medalha de Catarina

A pequena Catarina Labouré

Na noite de 18 de julho de 1830, por volta das 23h30, ela ouviu chamarem o seu nome. Era um menino que lhe dizia: «Levanta-te e vem comigo». Catarina seguiu-o. Todas as luzes estavam acesas. A porta da capela abriu-se assim que o menino a tocou com a ponta dos dedos. Catarina ajoelhou-se.

À meia-noite, Nossa Senhora chegou, sentou-se na poltrona que havia ao lado do altar. «Então, pulei para perto dela, aos seus pés, nos degraus do altar, e coloquei minhas mãos sobre seus joelhos», contou Catarina. «Fiquei assim não sei por quanto tempo. Pareceu-me o momento mais doce da minha vida...».

«Deus quer confiar-lhe uma missão», disse a Virgem a Catarina.

Catarina, órfã aos 9 anos, não se conformava em viver sem a mãe. E aproxima-se da Mãe do Céu. Nossa Senhora, que a observava de longe, jamais a abandonaria. Pelo contrário, tinha grandes projetos para ela. Ela, uma filha atenta e amorosa, teria uma grande missão: viver uma vida cristã autêntica, uma relação pessoal forte e sólido com Deus. Maria acredita no potencial da sua filha e confia-lhe a Medalha Milagrosa, capaz de interceder e alcançar graças e milagres. Uma missão importante, uma mensagem difícil.

Contudo, Catarina não desanima, confia em sua Mãezinha do Céu

e sabe que jamais será abandonará por ela.

Maria, Mãe que dá confiança

Tu, que confias nos teus filhos e lhes entregas missões e mensagens,

acompanha-os no seu caminho com uma presença discreta, permanecendo ao lado de todos, mas sobretudo daqueles que viveram grandes dores.

A eles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Confia: a mãe sempre te confiará apenas tarefas que conseguirás realizar e estará ao teu lado por todo o caminho.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, confiança e oração

A Bem-Aventurada Virgem Maria se apresenta a nós como uma mulher de uma confiança inabalável, uma poderosa intercessora através da oração. Contemplando esses dois aspectos, confiança e oração, vemos duas dimensões fundamentais do relacionamento de Maria com Deus.

Podemos dizer que a confiança de Maria em Deus é como um fio de ouro que percorre toda a sua existência, do começo ao fim. Aquele “sim” pronunciado com a consciência das consequências, é um ato de abandono total à vontade divina. Maria confia; Maria vive a confiança em Deus com um coração firme na Divina Providência, sabendo que Deus nunca a abandonaria.

Para nós, em nossa vida quotidiana, olhar para Maria, com uma atitude proativa, não passiva, e confiante, é um convite, não para esquecer nossas ansiedades e medos, para olhar tudo à luz do amor de Deus, que no caso de Maria nunca faltou e não falta em nossas vidas. Essa confiança leva à oração, que podemos dizer que é como o sopro da alma de Maria, é o canal privilegiado de sua comunhão íntima com Deus. A confiança leva à comunhão; Maria que se abandona em Deus é um diálogo contínuo de amor entre ela e o Pai; uma oferta constante de si

mesma, de suas preocupações, mas também de suas decisões.

A visita de Maria à sua prima Isabel é um exemplo de oração que se faz serviço. Vemos Maria acompanhando Jesus até a cruz. Após a ascensão, a vemos no cenáculo junto aos apóstolos em uma expectativa/esperança fervorosa. Maria nos ensina o valor da oração constante como consequência da confiança total e completa, abandonando-se nas mãos de Deus ... precisamente encontrar a Deus e viver com Deus.

Confiança e oração e Maria Santíssima estão intimamente interligadas. Uma profunda confiança em Deus que dá à luz, traz à tona uma oração perseverante. Peçamos a Maria que ela seja nosso exemplo de oração diária porque queremos nos sentir constantemente abandonados nas mãos misericordiosas de Deus.

Recorramos a ela com confiança filial para que, imitando-a, imitando sua confiança e perseverança na oração, possamos experimentar a paz que se sente somente quando nos abandonamos em Deus e possamos receber as graças necessárias para o nosso caminho de fé.

E nós, somos capazes de confiar de maneira incondicional como as crianças?

Oração de um filho desanimado

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de orar.

Não sou capaz de te escutar, abre os meus ouvidos.

Não sou capaz de te seguir, guia os meus passos.

Não sou capaz de ser fiel ao que me confiaste, fortalece a minha alma.

As tentações são muitas, faze que eu não ceda.

As dificuldades parecem insuperáveis, faze que eu não caia.

As contradições do mundo gritam alto, faze que eu não as siga.

Eu, teu filho arruinado, estou aqui para que te sirvas de mim, fazendo de mim um filho obediente.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

6º Dia

Ser Filhos – Sofrimento e cura

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se deixa ver.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora das dores de Kibeho

A pequena Afonsina Mumiremana e o seus companheiros

A história começou às 12h35 de um sábado, 28 de novembro de 1981, em um colégio administrado por freiras locais, frequentado por pouco mais de cem meninas da região.

Um colégio rural, pobre, onde se aprendia a ser professora ou secretária.

O complexo não possuía Capela e, por isso, não havia um clima religioso particularmente intenso.

Naquele dia, todas as meninas do colégio estavam no refeitório.

A primeira do grupo a “ver” foi Afonsina Mumureke, de 16 anos. Segundo o que ela mesma escreveu em seu diário, estava servindo suas colegas à mesa, quando ouviu uma voz feminina que a chamava: “Minha filha, vem aqui”.

Ela foi ao corredor, ao lado do refeitório, e ali apareceu-lhe uma mulher de beleza incomparável.

Estava vestida de branco, com um véu branco na cabeça que escondia os cabelos, e que parecia unido ao resto do vestido, que não tinha costuras.

Estava descalça e suas mãos estavam juntas sobre o peito, com os dedos voltados para o céu.

Posteriormente, Nossa Senhora apareceu a outros companheiros de Afonsina que, a princípio céticos, tiveram que mudar de opinião diante da aparição de Maria. Maria, falando com

Afonsina, apresenta-se como a Senhora das Dores de Kibeho e conta aos jovens todos os acontecimentos cruéis e sangrentos que ocorreriam logo em seguida, com a eclosão da guerra em Ruanda. **A dor será grande, mas também a consolação e a cura dessa dor, porque ela, a Senhora das Dores, nunca deixaria sozinhos os seus filhos da África.** Os jovens ficam ali, atônitos, diante das visões, mas acreditam nesta mãe que lhes estende os braços, chamando-os de “meus filhos”. Sabem que somente nela haverá consolação. E a fim de rezar para que a mãe consoladora aliviasse os sofrimentos de seus filhos, foi erguido o santuário dedicado a Nossa Senhora das Dores de Kibeho, hoje um lugar marcado pelos extermínios e genocídios. E Nossa Senhora continua a estar ali e a abraçar todos os seus filhos.

Maria, Mãe que consola

Tu, que consolaste os teus filhos como João ao pé da cruz, dirigiste o olhar para aqueles que vivem no sofrimento. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Não tenhas medo de passar pelo sofrimento: a mãe que consola enxugará as tuas lágrimas.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, sofrimento e convite à conversão

Maria é uma figura emblemática de sofrimento que se transforma em um poderoso convite à conversão. Quando contemplamos o seu caminho doloroso, é um alerta, silencioso e ao mesmo tempo eloquente, e um profundo apelo a rever um pouco a nossa vida, as nossas escolhas, e o chamado a retornar ao “coração” do Evangelho. O sofrimento atravessa a vida de Maria como uma espada afiada, profetizado pelo velho Simeão, marcado pelo desaparecimento do Menino Jesus e a dor indizível aos pés da cruz. Maria vive tudo isso, o peso da fragilidade humana e o mistério da dor inocente, de uma forma única.

O sofrimento de Maria não foi um sofrimento estéril, uma

resignação passiva, mas de alguma forma percebemos que há uma ação frutuosa, uma oferta silenciosa e corajosa, unida ao sacrifício redentor do seu filho Jesus.

Quando olhamos para Maria, a mulher que sofre, com os olhos da nossa fé, esse sofrimento ao invés de nos deprimir, revela-nos a profundidade do amor de Deus por nós. Maria, de alguma forma, nos ensina que mesmo na dor mais aguda podemos encontrar um sentido, uma possibilidade de crescimento espiritual, que se dá com a união ao Mistério Pascal.

Da experiência da dor transfigurada, emerge um poderoso convite à conversão. Olhando e contemplando como Maria suportou o sofrimento por amor a nós e por nossa salvação, também nós somos chamados a não permanecermos indiferentes diante do mistério da redenção.

Maria, a mulher doce e materna nos impele a abandonar os caminhos do mal e abraçar o caminho da fé. A famosa frase de Maria nas bodas de Caná: “Fazei tudo o que Ele vos disser” ainda ressoa para nós hoje como um convite urgente a ouvir a voz de Jesus nos momentos de dificuldade, nos momentos de provação, nos momentos de situações inesperadas e desconhecidas.

Percebemos facilmente que o sofrimento de Maria não é um fim em si mesmo, mas está intimamente ligado à redenção realizada por Cristo. Que o seu exemplo de fé inabalável, mesmo na dor, seja para nós luz e guia para transformar o nosso sofrimento em oportunidade de crescimento espiritual e responder com generosidade ao urgente chamado à conversão. Que pela intercessão de Maria, o chamado de Deus que ressoa no mais profundo do coração de cada ser humano possa encontrar sentido, vazão, crescimento, mesmo nos momentos mais difíceis e mais dolorosos.

E nós, deixamo-nos consolar como as crianças?

Oração de um filho que sofre

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de se curar.

Quando estou no chão, mãe, estende-me a mão.

Quando me sinto destruído, mãe, junta os pedaços.

Quando o sofrimento toma conta, mãe, abre-me à esperança.

Para que eu não busque apenas a cura do corpo, mas perceba o quanto o meu coração precisa de paz.

E do pó levanta-me, mãe.

Levanta-me e todos os teus filhos que estão em provação.

Os que estão sob as bombas,

os perseguidos,

os injustamente encarcerados,

os feridos em seus direitos e dignidade,

aqueles cujas vidas são ceifadas cedo demais.

Levanta-os e consola-os

porque são teus filhos. Porque somos teus filhos.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

7º Dia

Ser Filhos – Justiça e dignidade

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora Aparecida

Os pequenos pescadores Domingos, Filipe e João

Ao amanhecer de 12 de outubro de 1717, Domingos Garcia, Filipe Pedroso e João Alves empurraram o barco às águas do rio Paraíba que corria perto da sua aldeia. Não pareciam ter sorte naquela manhã: lançaram as redes por horas, sem nada pescar. Tinham quase decidido desistir, quando João Alves, o mais jovem, quis fazer uma última tentativa. Lançou então a rede

nas águas do rio e puxou-a lentamente. Havia algo, mas não era um peixe... parecia mais um pedaço de madeira. Quando o libertou das malhas da rede, o pedaço de madeira revelou-se como uma estátua da Virgem Maria, infelizmente sem a cabeça. João lançou novamente a rede na água e desta vez, ao puxá-la, encontrou preso outro pedaço de madeira de forma arredondada que parecia ser a cabeça da mesma estátua: tentou juntar as duas peças e percebeu que se encaixavam perfeitamente. Como obedecendo a um impulso, João Alves lançou novamente a rede na água e, quando tentou puxá-la, viu que não conseguia, porque estava cheia de peixes. Os seus companheiros também lançaram as redes na água e a pesca daquele dia foi verdadeiramente abundante.

A mãe vê as necessidades dos filhos; Maria viu as necessidades dos três pescadores e foi em socorro deles. Os filhos deram-lhe todo o amor e a dignidade que se pode dar a uma mãe: juntaram os dois pedaços da estátua, colocaram-na numa cabana e fizeram dela um santuário. Do alto da cabana, Nossa Senhora Aparecida – que quer dizer aquela que apareceu – salvou um filho seu, um escravo que fugia dos patrões: viu o seu sofrimento e devolveu-lhe a dignidade. E hoje, aquela cabana é o maior santuário mariano do mundo e traz o nome de Basílica de Nossa Senhora Aparecida.

Maria, Mãe que vê

Tu, que viste o sofrimento dos teus filhos maltratados, a começar pelos discípulos, te colocaste ao lado dos teus filhos mais pobres e perseguidos. Foi deles que te aproximaste, foi a eles que te manifestaste.

Não te escondas do olhar da mãe: ela enxerga até os teus desejos e necessidades mais secretos.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, dignidade e justiça social

A Bem-Aventurada Virgem Maria é um espelho da dignidade humana

plenamente realizada, silenciosa, mas poderosa e inspiradora para um correto sentido da experiência social. Refletir sobre a figura de Maria em relação a esses temas revela uma perspectiva profunda e surpreendentemente atual.

Olhemos para Maria, a mulher plena de dignidade, como um dom que, para nós hoje, nos ajuda a olhar para a sua pureza original, que não a coloca num pedestal inacessível, mas a revela na plenitude daquela dignidade pela qual todos nos sentimos um pouco atraídos, chamados.

Contemplando Maria, vemos brilhar a beleza e a nobreza precisamente da dignidade do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, livre do jugo do pecado, plenamente aberto ao amor divino, uma humanidade que não se perde nos detalhes, nas coisas superficiais.

Podemos dizer que o “sim” livre e consciente de Maria é aquele gesto de autodeterminação que a eleva ao nível da vontade de Deus, que entra de alguma forma na lógica de Deus. Sua humildade a torna ainda mais livre, longe de ser diminuída pela humildade. A humildade de Maria se torna a consciência da verdadeira grandeza que vem de Deus.

Essa dignidade de Maria nos ajuda a olhar como nós estamos vivendo a nossa dignidade no cotidiano. O tema da justiça social pode parecer menos explícito, mas a partir de uma leitura contemplativa e atenta do Evangelho, especialmente do Magnificat, somos capazes de captar, sentir e encontrar aquele espírito revolucionário que proclama a derrubada dos poderosos de seus tronos e a elevação dos humildes, isto é, a derrubada da lógica mundana e a atenção privilegiada de Deus para com os pobres e os famintos.

Palavras que fluem de um coração humilde, cheio do Espírito Santo. Podemos dizer que são um manifesto de justiça social “ante litteram”, uma antecipação do Reino de Deus, onde os últimos serão os primeiros.

Contemplemos Maria para que nos sintamos atraídos por esta dignidade que não se limita a fechar-se em si mesma, mas é uma dignidade que no Magnificat nos desafia a não permanecer fechados na nossa lógica, mas a abrir-nos, louvando a Deus, procurando viver o dom recebido para o bem da humanidade, com dignidade para o bem dos pobres, para o bem daqueles que são os descartados da sociedade.

E nós, nos escondemos ou dizemos tudo, como fazem as crianças?

Oração de um filho que tem medo

Maria, tu que te mostras a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de restituir dignidade.

Na hora da provação, olha para as minhas falhas e preenche-as.

Na hora do cansaço, olha para as minhas fraquezas e cura-as.

Na hora da espera, olha para as minhas impaciências e cuida delas.

Para que eu, olhando para os meus irmãos, possa olhar para as suas falhas e preenchê-las,

ver as suas fraquezas e curá-las, sentir as suas impaciências e cuidar delas.

Porque nada cura como o amor e ninguém é forte como a mãe que busca justiça para seus filhos.

Então, também eu, Mãe, detenho-me aos pés da cabana, olho com olhos confiantes para a tua imagem e peço-te pela dignidade de todos os teus filhos.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

8º Dia

Ser Filhos – Doçura e quotidianidade

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa senhora de Banneaux

A pequena Marieta de Banneaux

No dia 18 de janeiro, Marieta está no jardim, rezando o terço. Maria aparece e leva-a até uma pequena nascente à beira da floresta, dizendo: «Esta nascente é minha», e convida a menina a mergulhar a mão e o terço na água. O pai e mais duas pessoas acompanharam, com indescritível espanto, todos os gestos e palavras de Marieta. Naquela mesma noite, o primeiro a ser tocado pela graça de Banneaux foi justamente o pai de Marieta, que correu para se confessar e receber a Eucaristia: ele não se confessava desde a Primeira Comunhão.

No dia 19 de janeiro, Marieta pergunta: «Senhora, quem és?». «Sou a Virgem dos pobres».

À nascente, acrescenta: «Esta nascente é minha, para todas as nações, para os doentes. Venho consolá-los!».

Marieta é uma garota comum que vive os seus dias como todos nós, como os nossos filhos, os nossos netos. A sua vila é pequena e desconhecida. Ela reza para permanecer próxima de Deus. Reza para a sua mãe celeste manter viva a sua ligação com ela. **E Maria fala-lhe com doçura, num lugar que lhe é familiar.** Aparecerá para ela várias vezes, a ela confiará segredos e dirá para rezar pela conversão do mundo: para Marieta, essa é uma mensagem forte de esperança. Todos os filhos são abraçados e consolados pela Mãe, toda a doçura que Marieta encontra na “Senhora gentil” ela transmite ao mundo. E desse encontro nasce uma grande corrente de amor e espiritualidade que encontra o seu cumprimento no santuário de Nossa Senhora de Banneaux.

Maria, Mãe que permanece ao lado

Tu, que permaneceste ao lado dos teus filhos, sem nunca perder nenhum deles, iluminaste o caminho de todos os dias dos mais humildes. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Abandonados no abraço de Maria: não temas, ela vai consolar-te.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, educação e amor

A Bem-Aventurada Virgem Maria é uma mestra de educação incomparável, porque é uma fonte inesgotável de amor e quem ama educa; educa verdadeiramente quem ama.

Refletindo sobre a figura de Maria em relação a esses dois pilares do crescimento humano e espiritual, temos aqui um exemplo a contemplar, a levar a sério, a adotar em nossas escolhas diárias.

A educação que emana de Maria não se faz de preceitos, de ensinamentos formais, mas se manifesta através de seu exemplo de vida. Um silêncio contemplativo que fala; sua obediência à vontade de Deus, humilde e grande ao mesmo tempo; sua profunda humanidade.

O primeiro aspecto educativo que Maria nos comunica é o da escuta.

Escuta da Palavra de Deus, escuta daquele Deus que está continuamente presente para nos ajudar, para nos acompanhar. Maria guarda em seu coração, medita com cuidado, promove a escuta atenta da Palavra de Deus e, da mesma forma, das necessidades dos outros. Maria nos educa àquela humildade que não escolhe permanecer distante e passiva, mas sim para aquela humildade que, ao mesmo tempo em que reconhecemos nossa pequenez diante da grandeza de Deus, nos colocamos como protagonistas a seu serviço. Nosso coração está aberto para sermos verdadeiramente aqueles que acompanhamos, vivemos o projeto que Deus tem para nós.

Maria é um exemplo que nos ajuda a nos deixarmos educar pela fé; ela nos educa para a perseverança, permanecendo firmes no amor a Jesus, até o pé da cruz.

Educação e amor. O amor de Maria é o coração pulsante de sua existência, continua sendo para nós; cada vez que nos aproximamos de Maria sentimos esse amor materno que se estende a todos nós. É um amor por Jesus que se torna amor pela

humanidade. O coração de Maria que se abre com aquela ternura infinita que ela recebe de Deus, que ela comunica a Jesus, aos seus filhos espirituais.

Peçamos ao Senhor que, contemplando o amor de Maria, que é um amor que educa, sejamos impelidos a superar o nosso egoísmo, os nossos fechamentos e a abrir-nos aos outros. Em Maria, vemos uma mulher que educa com amor e que ama com um amor que é educativo. Peçamos ao Senhor que nos dê o dom de um amor, que é o dom do Seu amor, que por sua vez é um amor que nos purifica, nos sustenta, nos faz crescer, para que o nosso exemplo seja verdadeiramente um exemplo que comunica amor e, comunicando amor, possamos deixar-nos educar por ela e que ela nos ajude, para que o nosso exemplo também eduque os outros.

E nós, somos capazes de nos entregar como fazem as crianças?

Oração de um filho dos nossos dias

Maria, tu que te mostras a quem sabe ver...

torna o meu coração manso e dócil.

Quem vai reconstruir-me, depois de quebrar-me sob o peso das cruzes que carrego?

Quem vai trazer luz aos meus olhos, depois de ver os escombros da crueldade humana?

Quem vai aliviar o sofrimento da minha alma, depois dos erros que cometi no meu caminho?

Só tu, minha mãe, podes consolar-me.

Abraça-me e permanece comigo para evitar que eu me quebre em mil pedaços.

Minha alma descansa em ti e encontra paz como uma criança nos braços da mãe.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

9º Dia

Ser Filhos – Construção e sonho

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra. E nós, somos capazes de vê-la?
Bem-aventurado quem vê com o coração.

Maria Auxiliadora

O pequeno Joãozinho Bosco

Quando eu tinha 9 anos, tive um sonho que ficou profundamente gravado na minha mente para toda a vida. No sonho, parecia estar perto de casa, em um pátio muito espaçoso, onde uma multidão de crianças estava reunida, brincando. Algumas riam, outras jogavam, e não poucas blasfemavam. Ao ouvir aquelas blasfêmias, imediatamente me lancei no meio delas, usando golpes e palavras para fazê-las calar. Naquele momento, apareceu um homem venerando, de idade viril, vestido nobremente.

– Não com golpes, mas com mansidão e caridade debes conquistar esses teus amigos.

– Quem és tu, perguntei, que me ordenas algo impossível?

– Justamente porque essas coisas te parecem impossíveis, debes torná-las possíveis com obediência e com a aquisição da ciência.

– Onde, e por quais meios, poderei adquirir a ciência?

– Eu te darei a mestra sob cuja disciplina podes tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se torna tolice.

Naquele momento, vi ao lado dele uma mulher de aspecto majestoso, vestida com um manto que brilhava por todos os lados, como se cada ponto dele fosse uma estrela muito brilhante.

– Eis o teu campo, eis onde debes trabalhar. Torna-te humilde, forte e robusto: e o que agora vês acontecer com esses animais, tu deverás fazer pelos meus filhos.

Então voltei o olhar e, em vez de animais ferozes, apareceram muitos cordeiros mansos, que, pulando, corriam ao redor balindo, como para festejar aquele homem e aquela senhora. Nesse ponto, ainda no sonho, comecei a chorar e pedi para que falasse de modo que eu pudesse entender, pois eu não sabia o

que aquilo queria significar. Então ela colocou a mão sobre minha cabeça dizendo:

– A seu tempo, tudo compreenderás.

Maria guia e acompanha Joãozinho Bosco ao longo da sua vida e missão. Ele, ainda criança, descobre a sua vocação através de um sonho. Não entenderá, mas se deixará guiar. Não compreenderá por muitos anos, mas no final estará consciente de que “foi ela que tudo fez” E a mãe, tanto a terrena quanto a celeste, será a figura central na vida desse filho que se fará pão para os seus filhos. E, depois de encontrar Maria em seus sonhos, João Bosco, já sacerdote, erguerá um santuário a Nossa Senhora para que todos os seus filhos possam entregar-se a ela. Será dedicado a Maria Auxiliadora, porque ela foi o seu porto seguro, a sua ajuda constante. Assim, todos que entram na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim são acolhidos sob o manto protetor de Maria, que se torna sua guia.

Maria, Mãe que acompanha / que guia

Tu, que acompanhaste o teu filho Jesus em todo o seu caminho, te propuseste como guia para aqueles que souberam ouvir-te com o entusiasmo que só as crianças sabem ter. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Deixe-se acompanhar: a Mãe estará sempre ao teu lado para indicar-te o caminho.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, auxílio na conversão

A Bem-Aventurada Virgem Maria é uma ajuda poderosa e silenciosa em nossa jornada de crescimento.

É uma jornada que precisa se libertar continuamente daquilo que a impede de crescer. É uma jornada que deve se renovar continuamente, não para retroceder ou se deter em cantos escuros de sua existência. Eis aí a conversão.

A presença de Maria é um farol de esperança, é um convite

constante para continuarmos caminhando em direção a Deus, para ajudar nosso coração a estar continuamente focado em Deus, em Seu amor. Refletir sobre Maria, sobre seu papel, significa descobrir uma Maria que não impõe, que não julga, mas que apoia e encoraja, com sua humildade, com seu amor materno; ajuda nosso coração a permanecer próximo dela para nos aproximarmos cada vez mais de seu filho Jesus, que é o caminho, a verdade e a vida.

Este “sim” de Maria na anunciação continua válido também para nós, que abre à humanidade a história da salvação que é alcançável e acessível. Sua intercessão nas Bodas de Caná ampara aqueles que se encontram em situações inesperadas, inéditas. Maria é um modelo de conversão contínua. Sua vida, uma vida de Imaculada, foi, no entanto, uma adesão progressiva à vontade de Deus, um caminho de fé que a conduziu por alegrias e tristezas, culminando no sacrifício do Calvário.

A perseverança de Maria em seguir Jesus torna-se um convite para nós, para que também possamos experimentar essa proximidade contínua, essa transformação interior, que sabemos bem ser um processo gradual, mas que requer perseverança, humildade e confiança na graça de Deus.

Maria auxilia na conversão por meio de uma escuta muito atenta e focada da Palavra de Deus. Uma escuta que nos ajuda a encontrar a força para abandonar os caminhos do pecado, porque reconhecemos a força, a beleza de caminhar em direção a Deus. Dirijamo-nos a Maria com confiança filial, porque isso significa que nós, ao mesmo tempo que reconhecemos nossas fragilidades, nossos pecados, nossos defeitos, queremos fomentar esses desejos de mudança. Uma mudança de coração que quer ser acompanhada pelo coração materno de Maria. Em Maria encontramos essa preciosa ajuda para discernir as falsas promessas do mundo e redescobrir a beleza e a verdade do Evangelho. Que Maria, auxílio dos cristãos, seja para todos nós uma ajuda contínua para descobrir a beleza do Evangelho, para aceitar caminhar em direção à bondade e à grandeza da

Palavra de Deus viva nos corações e para poder comunicá-la aos outros.

E nós, somos capazes de deixar-nos pegar pela mão como as crianças?

Oração de um filho entorpecido

Maria, tu que te mostras a quem sabe ver...

faz com que o meu coração seja capaz de sonhar e construir.

Eu, que não deixo ninguém me ajudar.

Eu, que desanimo, perco a paciência e nunca acredito ter construído algo.

Eu, que sempre penso ser um fracasso.

Hoje quero ser filho, aquele filho capaz de te dar a mão, minha Mãe,

para ser acompanhado pelos caminhos da vida.

Mostra-me meu campo,

mostra-me meu sonho

e faz com que, no final, eu também possa compreender tudo e reconhecer a tua passagem pela minha vida.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

A Devoção Mariana na Perspectiva de Dom Bosco

São João Bosco nutria uma profunda devoção a Maria Auxiliadora, uma devoção que tem suas raízes nas numerosas experiências de sua intervenção materna, iniciadas quando ele tinha apenas 9 anos. Esta verdadeira devoção não poderia

permanecer apenas pessoal, e assim Dom Bosco sentiu a necessidade de compartilhá-la com os outros. Em 1869, fundou a Associação de Maria Auxiliadora (ADMA), que ainda hoje continua a ser uma realidade espiritual vibrante. A cada 5-6 anos, a associação organiza Congressos internacionais em honra a Maria Auxiliadora. O último, o IX Congresso, ocorreu em Fátima, Portugal, de 29 de agosto a 1º de setembro 2024. Apresentamos a intervenção conclusiva do Vigário do Reitor-Mor, o P. Stefano Martoglio.

Falo com prazer neste Congresso Mariano, após o que ouvimos e vivemos para reafirmar um ato de entrega pessoal e institucional, segundo o coração de Dom Bosco e a Fé da Igreja. Encerramos estes nossos dias com um dos aspectos espirituais que Dom Bosco percebe e vive como importante a nível pessoal e qualificante para sua obra: a devoção mariana. Nós nos confiamos às mãos maternas de Maria. Aqui agora, neste lugar Santo da presença de Maria; a ela pedimos que torne fecundos na vida o que vivemos, rezamos e ouvimos aqui.

Portanto, o que digo, após o que ouvimos e vivemos, é fazer memória, começando do início. Fazer memória é importante: significa reconhecer que isso não é nosso, nos foi confiado, e que devemos entregá-lo a outras gerações.

Com muita simplicidade, digo a mim e a cada um de nós alguns aspectos centrais da Presença de Maria em Dom Bosco, de sua e nossa devoção.

1. Maria nos escritos de Dom Bosco, começemos do início.

A mulher “de aspecto majestoso, vestida com um manto, que brilhava de todos os lados”, descrita no sonho dos nove anos que tanto meditamos e pensamos neste Bicentenário deste Sonho, é Nossa Senhora, querida pela tradição popular e pela devoção comum. Sobre ela, Dom Bosco destaca principalmente a amabilidade materna. Esta representação é a mais condizente com sua alma, que o acompanhará até o último suspiro de vida.

Nas *Memórias do Oratório*, são mencionados muitos dos aspectos e das devoções típicas da religiosidade popular: rosário em

família, Ângelus, novenas e tríduos, invocações e jaculatórias, consagrações, visitas a altares e santuários, festas marianas (Maternidade, Nome de Maria, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Dores, Consoladora, Imaculada, Nossa Senhora das Graças...). Atenção: quando dizemos aspectos típicos da religiosidade popular, não estamos dizendo algo fácil nem “automático”. A religiosidade popular é a quintessência, o destilado, da experiência de séculos que nos é dada como presente; da qual devemos nos apropriar.

No período dos estudos em Chieri, aparecem mais elementos que conectam a devoção mariana às opções espirituais do jovem Bosco, especialmente a maturação vocacional e o fortalecimento das virtudes que formam o bom seminarista. Nossa Senhora do seminário é a Imaculada (em todos os seminários piemonteses, e naqueles influenciados pela tradição lazarista, a capela é dedicada à Imaculada desde o século XVII).

Este, de fato, é o aspecto que caracteriza a piedade mariana do jovem Dom Bosco (formado na escola de Santo Afonso): a verdadeira devoção, que se expressa principalmente em uma vida virtuosa, garante o patrocínio mais poderoso que se pode ter em vida e na morte.

Ele também escreverá em *“O Jovem Instruído”* em 1847: “Se vocês forem seus devotos, além de se encherem de bênçãos neste mundo, terão o paraíso na outra vida”.

Mas é sobretudo no livreto *“O mês de maio consagrado a Maria Santíssima Imaculada para uso do povo”* (1858), que o santo enquadra explícita e insistentemente a devoção mariana popular e juvenil num contexto voltado para um compromisso sério e concreto de vida cristã vivida com fervor e amor.

“Três coisas a serem praticadas durante todo o mês: 1. Fazer o que pudermos para não cometer nenhum pecado durante este mês: que ele seja todo consagrado a Maria. 2. Ter grande solicitude para o cumprimento dos deveres espirituais e temporais do nosso estado... 3. Convidar nossos parentes e amigos e todos

aqueles que dependem de nós a participar das práticas de piedade que são feitas em honra de Maria durante o mês”.

O outro tema, herdado de toda uma tradição devota, é a conexão entre a devoção mariana e a salvação eterna: “Pois o mais belo ornamento do cristianismo é a Mãe do Salvador, Maria Santíssima, assim a Vós me dirijo, ó clementíssima Virgem Maria, estou seguro de adquirir a graça de Deus, o direito ao Paraíso, de recuperar, enfim, a minha dignidade perdida, se Vós orardes por mim: *Auxilium christianorum, ora pro nobis*” [Auxílio dos cristãos, rogai por nós]. Dom Bosco está convencido de que Maria intervém como advogada eficaz e mediadora poderosa junto a Deus.

Dez anos depois (1868), para a inauguração da igreja de Maria Auxiliadora, o santo escreve e difunde um folheto intitulado “*Maravilhas da Mãe de Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora*”. Nesta obra, é ressaltada a dimensão eclesial, sobre a qual o olhar de Dom Bosco se abre cada vez mais e se orientam suas preocupações missionárias e educativas.

Os títulos de *Imaculada* e de *Auxiliadora* no contexto eclesial da época evocam lutas e triunfos, o “grande confronto” entre a Igreja e a sociedade liberal. Faz-se uma leitura religiosa dos eventos políticos e sociais, na linha da reação católica à incredulidade, ao liberalismo, à descristianização.

No entanto, Dom Bosco, para seus meninos e seus salesianos, continua a enfatizar predominantemente a dimensão ascético-espiritual e apostólica da piedade mariana. De fato, a prática do mês de Maria e das várias devoções visa a determinar nos jovens a decisão de um maior compromisso com seu dever, a exercer as virtudes, a um ardor ascético (mortificações em honra de Maria), a uma caridade operativa e a uma generosa ação de apostolado entre os companheiros.

Ou seja, Dom Bosco tende a atribuir à Imaculada e à Auxiliadora um papel determinante na obra educativa e formativa e a valorizar, no clima do fervor mariano da época, exercícios virtuosos e práticas devotas para levar uma vida de

purificação do pecado e do apego a ele e de crescente totalidade de entrega de si a Deus.

Portanto: luta contra o pecado e orientação a Deus, santificação de si e do próximo, serviço de caridade, força para carregar a cruz e compromisso missionário. Estes são os traços salientes de uma devoção mariana que tem muito pouco de devocionista e sentimental (apesar do clima da época e dos gostos populares que, de qualquer forma, Dom Bosco valoriza). Que caminho em Dom Bosco e Dom Bosco, o homem de fé! Entre o que vocês têm no coração, gostaria de colocar um acento: eu também, nós também devemos caminhar na devoção. Não se fica parado, se não se avança, retrocede-se... e ninguém pode fazer isso por mim!

2. Maria na vida de Dom Bosco, expressões cotidianas da devoção de Dom Bosco e nossa devoção

2.1. O sentido de uma presença

Maria é, na vida de Dom Bosco, uma presença percebida, amada, ativa e estimulante, voltada para o grande negócio da salvação eterna e da santidade. Ele a sente próxima e confia nela, deixando-se guiar e conduzir pelos caminhos de sua vocação (ele a sonha com ela, ele a “vê”).

Em Nizza Monferrato, em junho de 1885, Dom Bosco se entretinha no parlatório com as madres capitulares das Filhas de Maria Auxiliadora, com um fio de voz, muito cansado. Foi pedido que deixasse a elas uma última lembrança. “Oh, então, vós quereis que eu diga alguma coisa. Se eu pudesse falar, quantas coisas eu gostaria de dizer! Mas estou velho, muito velho, como vedes; mal consigo falar. Quero apenas dizer que Nossa Senhora vos ama muito, muito. E, sabeis, ela está aqui entre vós. Então, o P. Bonetti, vendo-o emocionado, o interrompeu e começou a dizer, apenas para distraí-lo:

– Sim, exatamente assim! Dom Bosco quer dizer que Nossa Senhora é vossa Mãe e que ela vos observa e protege.

– Não, não, retomou o Santo, quero dizer que Nossa Senhora

está realmente aqui, nesta casa e que está contente convosco, e que se continuardes com o espírito de agora, que é o desejado por Nossa Senhora... O bom Pai se emocionava mais do que antes e o P. Bonetti tomou a palavra novamente:

– Sim, exatamente isto! Dom Bosco quer dizer que, se vós fordes sempre boas, Nossa Senhora ficará contente convosco.

– Mas não, mas não, esforçava-se para explicar Dom Bosco, tentando dominar sua própria emoção. Quero dizer que Nossa Senhora está realmente aqui, aqui entre vós! Nossa Senhora passeia nesta casa e a cobre com seu manto. – Ao dizer isso, estendia os braços, levantava os olhos lacrimejantes para cima e parecia querer persuadir as irmãs de que ele via Nossa Senhora ir e vir como em sua própria casa”.

É uma presença operativa: aquela que acompanha, sustenta, guia, encoraja; aquela que lhe foi dada: “Eu te darei a Mestra sob cuja disciplina você pode se tornar sábio, e sem a qual toda sabedoria se torna tolice”. Uma presença que estimula a viver conscientemente na presença de Deus em uma tensão de totalidade: “Ao pensar em Deus presente / faça com que os lábios, o coração, a mente / sigam o caminho da virtude / ó grande Virgem Maria. / Sac. João Bosco” (oração escrita pelo santo aos pés de uma de suas fotografias).

Esplêndido e essencial: o que não é presença viva na minha vida é ausência! O sentido da Presença, da Providência de Deus, da ação de Maria. Um caminho contínuo para cada um de nós e para todos nós juntos, Família Salesiana.

2.2. A energia da missão

Dom Bosco conecta estreitamente Maria com sua vocação e seu ministério. Aqui é bom retomar a apresentação que Dom Bosco faz do sonho dos nove anos: “Tomando-me com bondade pela mão – veja – ela me disse... Aqui está seu campo, aqui é onde você deve trabalhar. Torne-se humilde, forte, robusto; e o que neste momento você vê acontecer com esses animais, você deverá fazer pelos meus filhos”. É a missão de

salvação/transformação/formação dos jovens, através da prevenção, da educação, da instrução, da evangelização, e um sólido conjunto de virtudes no educador.

O Filho de Maria ensina o método e o objetivo: “Não com as pancadas, mas com a mansidão e com a caridade você deverá conquistar esses seus amigos. Portanto, comece imediatamente a dar-lhes uma instrução sobre a feiura do pecado e sobre a preciosidade da virtude”.

A narração feita em 1873-74 do antigo sonho inspirador se conecta com muitos outros relatos de intervenções e inspirações interiores (os sonhos) nos quais nosso santo atribuiu a Maria um papel de animação, de guia e de apoio de seu anseio e de seu zelo pela missão de salvação juvenil.

Neste contexto, devem ser colocados e interpretados aqueles que Dom Bosco reconhece como intervenções prodigiosas de Maria: as “graças” (espirituais e corporais) concedidas às pessoas, a poderosa proteção dela sobre o Oratório e sobre a nascente Família Salesiana e seu prodigioso desenvolvimento em benefício das almas.

As graças pessoais, a percepção da presença particular de Deus, por intercessão de Maria, que guia providencialmente a existência pessoal e institucional. Se você não percebe a Presença, está à mercê do acaso.

2.3. Estímulo à santidade

Dom Bosco vive a devoção mariana como estímulo e apoio da tensão à perfeição cristã. Na mesma perspectiva, ele a inculca sabiamente nos jovens para promover neles a vida cristã e estimulá-los ao desejo de santidade.

Valorizando a sensibilidade de seus meninos e os gostos populares de sua piedade, Dom Bosco soube transformar uma tendência devocional, tingida de sentimento romântico, em um poderoso instrumento de formação espiritual (encorajando, corrigindo, orientando).

Maria nunca nos deixa onde nos encontra. Como no início dos Sinais do Evangelho de João, sabe que devemos ser guiados, acompanhados... para um itinerário preciso: façam o que ele lhes

disser e chegarão aonde EU os espero, nos diz Dom Bosco. Ver o invisível.

3. Identidade salesiana e devoção mariana

Para concluir, compartilho com vocês, com simplicidade, aquilo que vivemos como coirmãos, e que está no centro da nossa vocação. Gosto de concluir com esta parte, pois é a espinha dorsal da minha e da nossa vida. Se faz tanto bem a mim, a nós, com certeza fará bem a todos.

Em primeiro lugar, as *Constituições*, que delineiam os traços característicos da nossa devoção mariana. O artigo 8º (colocado no primeiro capítulo, relativo aos elementos que asseguram a identidade da Congregação Salesiana) sintetiza o sentido da presença de Maria na nossa Sociedade: ela indicou a Dom Bosco seu campo de ação, o guiou e sustentou constantemente, e continua entre nós sua missão de Mãe e Auxiliadora: nós «nos confiamos a ela, humilde serva em quem o Senhor fez grandes coisas, para nos tornarmos testemunhas do amor inesgotável de seu Filho entre os jovens».

O artigo 92 apresenta o papel de Maria na vida e na piedade do salesiano: modelo de oração e de caridade pastoral; mestra de sabedoria e guia da nossa família; exemplo de fé, de solicitude pelos necessitados, de fidelidade na hora da cruz, de alegria espiritual; nossa educadora para a plenitude de doação ao Senhor e ao corajoso serviço dos irmãos. Daí resulta, portanto, uma devoção filial e forte, que se expressa na oração (rosário diário e celebração de suas festas) e na imitação convicta e pessoal.

A melhor síntese, no entanto, encontra-se, a meu ver, na Oração de entrega a Maria Santíssima Auxiliadora, que é recitada diariamente em cada uma de nossas comunidades após a meditação. Foi o P. Rua, em 1894, quem a compôs, como expressão de consagração diária no compromisso de fidelidade e generosidade. Hoje foi revisada, mas conserva a mesma estrutura daquela antiga e os mesmos conteúdos. Eis o texto

primitivo:

«Santíssima e imaculada Virgem Auxiliadora, nós nos consagramos inteiramente a vós e prometemos sempre agir para a maior glória de Deus e para a salvação das almas.

Pedimos que dirijais os vossos olhares piedosos sobre a Igreja, seu augusto Chefe, os Sacerdotes e Missionários, sobre a Família Salesiana, nossos parentes e benfeitores e a juventude a nós confiada, sobre os pobres pecadores, os moribundos e as almas do purgatório.

Ensinaí-nos, ó Mãe muito amada, a reproduzir em nós as virtudes do nosso Fundador, em particular a angélica modéstia, a profunda humildade e a ardente caridade.

Fazei, ó Maria Auxiliadora, que a vossa poderosa intercessão nos torne vitoriosos contra os inimigos da nossa alma em vida e na morte, para que possamos vir a fazer-vos coroa com Dom Bosco no Paraíso. Assim seja».

Como se pode ver, a versão atual não faz mais do que retomar, com alguns desenvolvimentos, o texto do P. Rua. Acredito que seja bom, de vez em quando, retomá-la e meditá-la. Está estruturada em quatro partes: promessa; intercessão; docilidade; entrega.

Na primeira parte (*Santíssima*) se recorda a finalidade última da nossa consagração, prometendo orientar cada uma de nossas ações unicamente ao serviço de Deus e à salvação do próximo, na fidelidade à essência da vocação salesiana.

Na segunda parte (*Pedimos*) se condensa o sentido eclesial, salesiano e missionário da nossa consagração, confiando à intercessão de Maria a Igreja, a Congregação e a Família Salesiana, os jovens, especialmente os mais pobres, todos os homens redimidos por Cristo. Aqui está bem delineada a paixão que deve alimentar e caracterizar a oração salesiana: universalidade, eclesialidade, missionariedade juvenil.

Na terceira parte (*Ensinai-nos*) estão concentradas as virtudes que caracterizam a fisionomia típica do salesiano discípulo de Dom Bosco: nos colocamos à escola de Maria para crescer na união com Deus, na castidade, na humildade e na pobreza, no amor ao trabalho e na temperança, na ardente caridade amorosa (bondade e doação ilimitada aos irmãos), na fidelidade à Igreja e ao seu magistério.

Na última parte (*Fazei, ó Maria Auxiliadora*) nos confiamos à intercessão da Virgem Auxiliadora para obter a fidelidade e a generosidade no serviço a Deus até a morte e a admissão na comunhão eterna dos santos.

Esta excelente síntese, que contém um completo programa de vida espiritual e delinea os traços fisionômicos da nossa identidade, pode nos servir hoje de referência e de traço concreto para a verificação e a programação espiritual. E assim seja para cada um de nós!

Maravilhas da Mãe de Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora (13/13)

[\(continuação do artigo anterior\)](#)

Graças obtidas por intercessão de Maria Auxiliadora.

I. Graça recebida de Maria Auxiliadora.

Era o ano de nosso Senhor de 1866 quando, no mês de outubro, minha esposa foi acometida por uma doença muito grave, ou seja, uma grande inflamação combinada com uma grande

prisão de ventre e uma verminose. Nesse momento doloroso, o primeiro recurso foi recorrer aos especialistas na arte, que não demoraram a declarar que a doença era muito perigosa. Vendo que a doença estava piorando muito e que os remédios humanos eram de pouca ou nenhuma utilidade, sugeri à minha companheira que se recomendasse a Maria Auxiliadora, e que ela certamente lhe concederia a saúde se fosse necessária para a alma; ao mesmo tempo, acrescentei a promessa de que, se ela obtivesse a saúde, assim que fosse concluída a igreja, que estava sendo construída em Turim, nós iríamos visitá-la e fazer alguma oblação. A essa proposta, ela respondeu que poderia se recomendar a algum santuário mais próximo, para não ser obrigada a ir tão longe; a essa resposta, eu lhe disse que não se deve olhar tanto para a conveniência quanto para a grandeza do benefício que se espera.

Então ela se recomendou e prometeu o que havia proposto. Ó poder de Maria! Ainda não haviam se passado 30 minutos de sua promessa quando, ao perguntar-lhe como estava, ela me disse: “Estou muito melhor, minha mente está mais livre, meu estômago não está mais oprimido; sinto uma aversão por gelo, que antes eu tanto desejava, e tenho mais vontade de um caldo, que antes eu tanto detestava”.

Com essas palavras, senti-me nascer para uma nova vida e, se não fosse à noite, teria saído imediatamente do meu quarto para publicar a graça recebida da Santíssima Virgem Maria. O fato é que ela passou a noite em paz e, na manhã seguinte, o médico apareceu e a declarou fora de qualquer perigo. Quem a curou se não Maria Auxiliadora? De fato, depois de alguns dias, ela deixou a cama e assumiu as tarefas domésticas. Agora aguardamos ansiosamente a conclusão da igreja dedicada a ela, cumprindo assim a promessa feita.

Escrevi este texto como humilde filho da Igreja una, santa, católica e apostólica, e desejo que seja dada a ele toda a publicidade que for julgada boa para a maior glória de Deus e da augusta Mãe do Salvador.

Luís COSTAMAGNA

de Caramagna.

II. Maria Auxiliadora Protetora dos campos.

Mornese é um pequeno vilarejo da diocese de Acqui, província de Alessandria, com cerca de mil habitantes. Esse nosso vilarejo, como tantos outros, foi tristemente assolado pelo oídio (fungo eu ataca as vieiras), que por mais de vinte anos devorou quase toda a colheita de uvas, nossa principal riqueza. Já havíamos usado tantos outros remédios para evitar esse mal, mas sem sucesso. Quando se espalhou a notícia de que alguns camponeses de cidades vizinhas haviam prometido uma parte dos frutos de seus vinhedos para a continuação do trabalho na igreja dedicada a Maria Auxiliadora em Turim, eles foram maravilhosamente favorecidos e tiveram uvas em abundância. Movidos pela esperança de uma colheita melhor e ainda mais animados pelo pensamento de contribuir para uma obra religiosa, os habitantes decidiram oferecer a décima parte de nossa colheita para esse fim. A proteção da Virgem Santa se fez sentir entre nós de uma forma verdadeiramente misericordiosa. Tínhamos a abundância de tempos mais felizes e estávamos muito contentes por poder oferecer escrupulosamente, em espécie ou em dinheiro, o que havíamos prometido. Na ocasião em que o gerente de construção daquela igreja convidada veio até nós para recolher as ofertas, houve uma festa de verdadeira alegria e exultação pública.

Ele pareceu profundamente comovido com a prontidão e a abnegação com que as ofertas foram feitas e com as palavras cristãs com que foram acompanhadas. Mas um de nossos concidadãos, em nome de todos, falou em voz alta sobre o que estava acontecendo. Segundo ele, devemos grandes coisas à Santa Virgem Auxiliadora. No ano passado, muitas pessoas deste vilarejo, tendo que ir para a guerra, colocaram-se sob a proteção de Maria Auxiliadora, a maioria delas usando uma medalha no pescoço, foram corajosamente e tiveram que enfrentar os mais graves perigos; mas nenhuma foi vítima desse flagelo do Senhor. Além disso, nos vilarejos vizinhos houve

uma praga de cólera, granizo e seca, e nós fomos poupados. Quase nula foi a vindima de nossos vizinhos, e nós fomos abençoados com tamanha abundância que não se via há vinte anos. Por essas razões, estamos felizes em poder manifestar assim nossa indelével gratidão à grande Protetora da humanidade.

Acredito que sou um fiel intérprete de meus concidadãos ao afirmar que o que fizemos agora, também faremos no futuro, convencidos de que assim nos tornaremos cada vez mais dignos das bênçãos celestiais.

25 de março de 1868

Um habitante de Mornese.

III. Rápida recuperação.

O jovem João Bonetti, de Asti, no internato de Lanzo, teve o seguinte favor. Na noite do dia 23 de dezembro passado, ele entrou de repente na sala do diretor com passos incertos e rosto perturbado. Aproximou-se dele, encostou seu corpo no do piedoso sacerdote, esfregou a testa com a mão direita e não disse uma palavra. Espantado por vê-lo tão convulsionado, ele o ampara e, sentando-o, pergunta-lhe o que deseja. Às repetidas perguntas, o pobrezinho respondia apenas com suspiros cada vez mais dificultados e profundos. Então ele olhou mais atentamente para sua testa e viu que seus olhos estavam imóveis, seus lábios pálidos e seu corpo, sentindo o peso da cabeça, ameaçava cair. Vendo então o perigo de vida que o jovem corria, ele rapidamente mandou chamar um médico. Nesse ínterim, a doença piorava a cada momento, sua fisionomia estava contraída e não parecia mais ser o mesmo de antes; seus braços, pernas e testa estavam gelados, o catarro o sufocava. Sua respiração se tornava cada vez mais curta e seus pulsos só podiam ser sentidos levemente. Ele permaneceu nesse estado por cinco horas muito dolorosas.

O médico chegou e aplicou vários remédios, mas

sempre sem sucesso. Está tudo acabado, disse o médico com tristeza; antes do amanhecer esse jovem estará morto.

Assim, desafiando as esperanças humanas, o bom padre se voltou para o céu, orando para que, se não fosse da vontade do Senhor que o jovem vivesse, pelo menos lhe desse um pouco de tempo para a confissão e a comunhão. Em seguida, pegou uma pequena medalha de Maria Auxiliadora. As graças que ele já havia obtido ao invocar a Virgem com essa medalha eram muitas e aumentaram sua esperança de obter ajuda da protetora celestial. Cheio de confiança nela, ele se ajoelhou, colocou a medalha sobre o coração e, junto com outras pessoas piedosas que haviam chegado, fez algumas orações a Maria e ao Santíssimo Sacramento. E Maria ouviu as orações que lhe eram elevadas com tanta confiança. A respiração do Joãozinho ficou mais livre, e seus olhos, que pareciam petrificados, viraram-se com amor para olhar e agradecer aos espectadores pelo cuidado compassivo que estavam lhe dando. A melhora não foi passageira; pelo contrário, todos consideravam a recuperação certa. O próprio médico, espantado com o que havia acontecido, exclamou: “Foi a graça de Deus que operou a saúde. Em minha longa carreira, vi um grande número de pessoas doentes e moribundas, mas nenhuma das que estavam no ponto de Bonetti eu vi se recuperar. Para mim, sem a intervenção benéfica do céu, esse é um fato inexplicável. E a ciência, acostumada hoje em dia a romper o admirável vínculo que a une a Deus, prestou-lhe humilde homenagem, julgando-se impotente para realizar o que somente Deus realizou. O jovem que foi objeto da glória da Virgem continua até hoje muitíssimo bem. Ele diz e prega a todos que deve sua vida duplamente a Deus e à sua poderosíssima Mãe, de cuja válida intercessão obteve a graça. Ele se consideraria ingrato de coração se não desse um testemunho público de gratidão. E, assim, convidava outras pessoas e outros sofrendores que, neste vale de lágrimas, sofrem e vão em busca de conforto e ajuda.

(Do jornal: *A Virgem*).

IV. Maria Auxiliadora livra um de seus devotos de uma forte dor de dentes.

Em uma casa de educação em Turim, havia um jovem de 19 ou 20 anos que, há vários dias, sofria de uma terrível dor de dentes. Tudo o que a arte médica normalmente sugere em tais casos já havia sido usado sem sucesso. Assim, o pobre jovem estava em um ponto tão exacerbado que despertava piedade em todos que o ouviam. Se o dia lhe parecia horrível, eterna e mais dolorosa era a noite, na qual ele só conseguia fechar os olhos para dormir por breves e interrompidos momentos. Que estado deplorável era esse! A situação continuou assim por algum tempo, mas na noite de 29 de abril, a doença parecia ter se tornado muito mais atroz. O jovem gemia incessantemente em sua cama, suspirava e gritava alto sem que ninguém pudesse aliviá-lo. Seus companheiros, enternecidos com condição infeliz, foram informar ao diretor para que viesse confortá-lo. Ele veio e tentou, com palavras, restaurar a calma de que ele e seus companheiros precisavam para poderem descansar. Mas a fúria do mal era tão grande que ele, embora muito obediente, não conseguia parar de se lamentar, dizendo que não sabia se até no próprio inferno alguém poderia sofrer dor mais cruel. O superior então achou por bem colocá-lo sob a proteção de Maria Auxiliadora, em cuja honra também foi erguido um majestoso templo nesta nossa cidade. Todos nós nos ajoelhamos e fizemos uma breve oração. Mas o que aconteceu? A ajuda de Maria não demorou a chegar. Quando o padre deu a bênção ao jovem desolado, ele se acalmou instantaneamente e caiu em um sono profundo e tranquilo. Naquele instante, uma terrível suspeita surgiu em nossas mentes: que o pobre jovem havia sucumbido ao mal. Mas não, ele já havia adormecido profundamente, e Maria havia ouvido a oração de seu devoto, e Deus tinha atendido a bênção de seu ministro.

Vários meses se passaram, e o jovem que sofria com a dor de dentes não foi mais incomodado por ela.

(Do mesmo).

V. Algumas maravilhas de Maria Auxiliadora.

Creio que o seu nobre periódico fará uma boa análise de alguns fatos ocorridos entre nós, que apresento em honra de Maria Auxiliadora. Seleciono apenas alguns que testemunhei nesta cidade, omitindo muitos outros que são relatados todos os dias.

O primeiro diz respeito a uma senhora de Milão que, durante cinco meses, foi consumida por uma pneumonia combinada com uma prostração total de sua força vital.

Passando por essas bandas, o P. B... foi aconselhada por ele a recorrer a Maria Auxiliadora, por meio de uma novena de oração em sua honra, com a promessa de alguma oblação para continuar o trabalho na igreja, que estava sendo construída em Turim sob o título de Maria Auxiliadora. Essa oblação só deveria ser feita depois que a graça fosse obtida.

Uma maravilha para contar! Naquele mesmo dia, a doente pôde retomar suas ocupações normais e sérias, comendo todo tipo de comida, passeando, entrando e saindo de casa livremente, como se nunca tivesse estado doente. Quando a novena terminou, ela estava em um estado de saúde vigoroso, como nunca se lembrava de ter desfrutado antes.

Outra senhora estava sofrendo de uma taquicardia há três anos, com muitos inconvenientes que acompanham essa doença. Mas a febre e um tipo de hidropisia a deixaram imóvel na cama. Sua doença chegou a tal ponto que, quando o padre acima mencionado lhe deu a bênção, seu marido teve de levantar a mão para que ela pudesse fazer o sinal da santa cruz. Também foi recomendada uma novena em honra de Jesus no Santíssimo Sacramento e de Maria Auxiliadora, com a promessa de alguma oblação para o referido edifício sagrado, mas depois de recebida a graça. No mesmo dia em que terminou a novena, a enferma ficou livre de toda doença, e ela mesma pôde compilar a narrativa de sua enfermidade, na qual li o seguinte:

“Maria Auxiliadora me curou de uma doença, para a qual todas as descobertas da ciência foram consideradas inúteis. Hoje, último dia da novena, estou livre de toda

doença e vou à mesa com minha família, algo que não pude fazer por três anos. Enquanto eu viver, não deixarei de exaltar o poder e a bondade da augusta Rainha do Céu e me esforçarei para promover o culto a ela, especialmente na igreja que está sendo construída em Turim."

Deixe-me acrescentar ainda outro fato, que é ainda mais maravilhoso do que os anteriores.

Um jovem na flor dos anos via aberta diante de si uma das carreiras mais brilhantes nas ciências, quando foi acometido por uma doença cruel em uma de suas mãos. Apesar de todos os tratamentos, de toda a solicitude dos médicos mais credenciados, não foi possível obter nenhuma melhora nem interromper o progresso da doença. Todas as conclusões dos especialistas na arte concordavam que a amputação era necessária para evitar a ruína total do corpo. Assustado com esse julgamento, ele decidiu recorrer a Maria Auxiliadora, aplicando os mesmos remédios espirituais que outros haviam praticado com tanto sucesso. A intensidade das dores cessou instantaneamente, as feridas foram atenuadas e, em pouco tempo, a cura parecia completa. Quem quisesse satisfazer sua curiosidade poderia admirar aquela mão com as reentrâncias e os buracos das feridas curadas, que lembram a gravidade de sua doença e a maravilhosa cura dela. Ele quis ir a Turim para fazer sua oblação pessoalmente, para demonstrar ainda mais sua gratidão à augusta Rainha do Céu.

Ainda tenho muitas outras histórias desse tipo, que contarei em outras cartas, se for considerado que esse é um material apropriado para o seu periódico. Peço-lhe que omita os nomes das pessoas a quem os fatos se referem, para não expô-las a perguntas e observações importunas. No entanto, que esses fatos sirvam para reavivar cada vez mais entre os cristãos a confiança na proteção de Maria Auxiliadora, para aumentar os seus devotos na terra e para ter um dia uma coroa mais gloriosa de seus devotos no céu.

(Da *Verdadeira Boa Nova* de Florença).

Com aprovação eclesiástica.

Fim

Maravilhas da Mãe de Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora (12/13)

[\(continuação do artigo anterior\)](#)

Recordação da função para a primeira pedra fundamental da igreja dedicada a Maria Auxiliadora em 27 de abril de 1865.

FILÓTICO, BENVINDO, CRATIPO E TEODORO.

Filót. Que bela festa é a de hoje!

Crat. Uma festa muito bonita; estou neste Oratório há muitos anos; mas nunca vi uma festa assim, e será difícil fazermos outra festa semelhante no futuro.

Benv. Eu me apresento a vocês, queridos amigos, cheio de admiração: não sei o motivo.

Filót. De quê?

Benv. Não sei o motivo daquilo que vi.

Teod. Quem é você, de onde vem, o que viu?

Benv. Sou de fora e deixei minha cidade natal para me juntar aos jovens do Oratório de São Francisco de Sales. Assim que cheguei a Turim, pedi para ser conduzido para cá, mas assim que entrei, vi carros enfeitados de forma majestosa, cavalos, empregados e cocheiros, todos vestidos com grande magnificência. É possível, disse a mim mesmo, que esta seja a casa em que eu, um pobre órfão, vim morar? Em seguida, entro no recinto do Oratório, vejo uma multidão de jovens gritando

dominados pela alegria e quase frenéticos: Viva, glória, triunfo, boa vontade de todos e sempre. – Olho para o campanário e vejo um pequeno sino balançando em todas as direções para produzir um toque harmonioso a cada esforço. – No pátio, música daqui, música dali: alguns correm, outros pulam, uns cantam, outros tocam. O que é tudo isso?

Filót. Aqui está o motivo em duas palavras. Hoje foi abençoada a pedra fundamental de nossa nova igreja. Sua Alteza o Príncipe Amadeu se dignou vir e colocar a primeira cal sobre ela; Sua Excelência o Bispo de Susa veio para realizar o serviço religioso; os outros são uma série de nobres personagens e ilustres benfeitores nossos, que vieram prestar suas homenagens ao Filho do Rei e, ao mesmo tempo, tornar mais majestosa a solenidade desse belo dia.

Benv. Agora entendo o motivo de tanta alegria; e vocês têm bons motivos para celebrar uma grande festa. Mas, se me permitem uma observação, parece-me que vocês entenderam tudo errado. Em um dia tão solene, para dar as boas-vindas adequadas a tantas pessoas ilustres, ao augusto Filho do nosso Soberano, vocês deveriam ter preparado grandes coisas. Deveriam ter construído arcos triunfais, coberto as ruas com flores, enfeitado cada canto com rosas, adornado cada parede com tapetes elegantes e mil outras coisas.

Teod. Você tem razão, caro Benvindo, você tem razão, esse era o nosso desejo comum. Mas o que você quer? Pobres jovens, como somos, fomos impedidos de fazê-lo não pela vontade, que é grande em nós, mas por nossa absoluta impossibilidade.

Filót. A fim de receber dignamente nosso amado Príncipe, há alguns dias todos nós nos reunimos para discutir o que deveria ser feito em um dia tão solene. Um deles disse: “Se eu tivesse um reino, eu o ofereceria a ele, pois ele é realmente digno dele”. Excelente, responderam todos; mas, pobres coitados, não temos nada. Ah, acrescentaram meus companheiros, se não temos um reino para lhe oferecer, podemos pelo menos torná-lo rei do Oratório de São Francisco de Sales. Que sorte a nossa! exclamaram todos, assim a miséria acabaria

entre nós e haveria uma festa eterna. Um terceiro, vendo que as propostas dos outros eram infundadas, concluiu que poderíamos fazê-lo rei de nossos corações, senhor de nossa afeição; e como vários de nossos companheiros já estão sob seu comando na milícia, oferecer-lhe nossa fidelidade, nossa solicitude, caso chegue o momento de servirmos no regimento que ele dirige.

Benv. O que seus companheiros responderam?

Filót. Todos eles receberam esse projeto com alegria. Quanto aos preparativos para a recepção, fomos unânimes: Esses senhores já veem grandes coisas, coisas magníficas, coisas majestosas em casa, e eles saberão como acolher com piedade benigna pela nossa impotência; e temos motivos para esperar muito da generosidade e da bondade de seus corações.

Benv. Bravo, você falou bem.

Teod. Muito bem, eu aprovo o que você diz. Mas, enquanto isso, não devemos, ao menos de alguma forma, mostrar-lhes nossa gratidão e dirigir-lhes algumas palavras de agradecimento?

Benv. Sim, meus caros, mas primeiro gostaria que satisfizessem minha curiosidade sobre várias coisas relacionadas aos Oratórios e às coisas que são feitas neles.

Filót. Mas faremos com que esses amados Benfeitores exercitem demais sua paciência.

Benv. Acredito que isso também será do agrado deles. Pois como eles foram e ainda são nossos distintos Benfeitores, ouvirão com prazer o resultado de sua beneficência.

Filót. Não sou capaz disso, pois faz apenas um ano que estou aqui. Talvez Cratipo, que é o mais velho, possa nos satisfazer. Não é mesmo, Cratipo?

Crat. Se julgarem que sou capaz disso, terei prazer em tentar satisfazê-los. – Antes de mais nada, direi que os Oratórios, em sua origem (1841), nada mais eram do que reuniões de jovens, em sua maioria de outros lugares, que vinham em dias de festa a locais específicos para serem

instruídos no catecismo. Quando locais mais adequados se tornaram disponíveis, os Oratórios (1844) passaram a ser locais onde os jovens se reuniam para uma recreação agradável e honesta após cumprirem seus deveres religiosos. Assim, brincar, rir, pular, correr, cantar, tocar trombeta, bater tambores era o nosso entretenimento. – Um pouco mais tarde (1846), foi acrescentada a escola dominical e, em seguida (1847), as escolas noturnas. – O primeiro oratório é este onde estamos agora, chamado de São Francisco de Sales. Depois desse, foi aberto outro em Porta Nova; mais tarde, outro em Vanchiglia e, alguns anos depois, o de São José em São Salvano.

Benv. Você me conta a história dos Oratórios festivos, e eu gosto muito disso; mas gostaria de saber algo sobre essa casa. Em que condições os jovens são recebidos nessa casa? Em que eles se ocupam?

Crat. Posso explicar-lhe. Entre os jovens que frequentam os Oratórios, e também de outras regiões, há alguns que, ou porque são totalmente abandonados, ou porque são pobres ou são carentes de bens, os aguardaria um triste futuro, se uma mão benévola não cuidasse deles como um pai, não os acolhesse, e não lhes desse o necessário para viver.

Benv. Pelo que você me diz, parece que esta casa é destinada a jovens pobres, e enquanto isso eu vejo todos vocês tão bem vestidos que me parecem filhinhos de papai.

Crat. Veja, Benvindo, em vista da festa extraordinária que fazemos hoje, cada um pegou tudo o que tinha ou podia ter de mais bonito, e assim podemos ter, se não uma apresentação majestosa, pelo menos compatível.

Benv. Vocês são muitos nesta casa?

Crat. Somos cerca de oitocentos.

Benv. Oitocentos! Oitocentos! E como saciar o apetite de tantos destruidores de pães?

Crat. Isso não nos diz respeito; o padeiro se encarrega disso.

Benv. Mas como fazer frente às despesas necessárias?

Crat. Dê uma olhada em todas essas pessoas que gentilmente nos ouvem, e você saberá quem e como elas nos sustentam com o que precisamos para alimentação, roupas e outras coisas que são necessárias para esse propósito.

Benv. Mas o número de oitocentos me surpreende! Com o que todos esses jovens podem estar ocupados dia e noite?

Crat. É muito fácil ocupá-los à noite. Cada um dorme em sua cama e permanece disciplinado, em ordem e silêncio até de manhã.

Benv. Mas você está brincando.

Crat. Digo isso para responder à brincadeira que você propôs. Se quiser saber quais são nossas ocupações diárias, eu lhe direi em poucas palavras. Os meninos são divididos em duas categorias principais – uma de artesãos e outra de estudantes. – Os artesãos se dedicam aos ofícios de alfaiates, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, encadernadores, compositores, impressores, músicos e pintores. Por exemplo, essas litografias e essas pinturas são obra de nossos companheiros. Este livro foi impresso aqui e encadernado em nossa oficina.

Em geral, portanto, todos são estudantes, porque todos têm de frequentar a escola noturna, mas aqueles que demonstram mais capacidade e melhor conduta geralmente são encaminhados exclusivamente a seus estudos por nossos superiores. É por isso que temos o consolo de ter entre nossos companheiros alguns médicos, notários, advogados, professores, catedráticos e até mesmo párocos.

Benv. E toda essa música vem dos jovens dessa casa?

Crat. Sim, os jovens que acabaram de cantar ou tocar são jovens desta casa; de fato, a composição musical em si é quase toda obra do Oratório; pois todos os dias, em um horário específico, há uma escola especial, e cada um, além de um ofício ou estudo literário, pode avançar na ciência da música.

Por essa razão, temos o prazer de ter vários companheiros nossos que exercem luminosos cargos civis e

militares para a ciência literária, enquanto não poucos são designados para a música em vários regimentos, na Guarda Nacional, no mesmo Regimento de Sua Alteza, o Príncipe Amadeu.

Benv. Isso me agrada muito; assim, aqueles meninos brindados pela natureza com um gênio perspicaz podem cultivá-lo, e não são forçados pela miséria a deixá-lo ocioso, ou a fazer coisas contrárias às suas inclinações. – Mas diga-me mais uma coisa: quando entrei aqui, vi uma igreja já construída, e você me disse que é preciso construir outra: qual a necessidade disso?

Crat. O motivo é muito simples. A igreja que estávamos usando até agora foi especialmente planejada para os jovens externos que vinham nos dias festivos. Mas, devido ao número cada vez maior de jovens acolhidos, a igreja ficou apertada, e os externos ficaram quase totalmente excluídos. Assim, podemos calcular que nem mesmo um terço dos jovens que frequentavam a igreja podia ser acomodado. – Quantas vezes tivemos de mandar embora multidões de jovens e permitir que eles fossem mendigar nas praças pelo simples fato de que não havia mais espaço na igreja!

Deve-se acrescentar que, da igreja paroquial de Borgo Dora até São Donato, há uma multidão de casas e muitos milhares de habitantes, no meio dos quais não há igreja, nem capela, nem pouco ou muito espaço: nem para as crianças, nem para os adultos que as frequentam. Portanto, havia a necessidade de uma igreja espaçosa o suficiente para acomodar as crianças e que também oferecesse espaço para os adultos. A construção da igreja que é o objeto de nossa festa busca atender a essa necessidade pública e grave.

Benv. As coisas assim expostas me dão uma boa ideia dos Oratórios e do propósito da igreja, e acredito que isso também seja do agrado desses senhores, que assim sabem onde vai acabar sua caridade. Lamento muito, no entanto, que eu não seja um orador eloquente ou um poeta talentoso para improvisar um discurso esplêndido ou um poema sublime sobre o que você me disse com alguma expressão de gratidão e agradecimento a esses senhores.

Teod. Eu também gostaria de fazer o mesmo, mas mal sei que, na poesia, o comprimento das linhas deve ser igual e não mais do que isso; portanto, em nome de meus companheiros e de nossos amados Superiores, direi apenas a Sua Alteza, o Príncipe Amadeu, e a todos os outros senhores que ficamos encantados com essa bela festa; que faremos uma inscrição em letras douradas na qual diremos:

Viva eterno este dia!

Antes que o sol do Ocaso
Possa retornar ao seu Oriente;
Cada rio à sua nascente

Antes volte para trás,
Do que apagar de nossos corações
Este dia que entre os mais belos
Entre nós sempre será.

Em particular, digo a Vossa Alteza Real que lhe dedicamos grande afeição, e que nos fez um grande favor ao vir nos visitar, e que sempre que tivermos a sorte de vê-lo na cidade ou em outro lugar, ou ouvir falar de Vossa Alteza, isso sempre será para nós um objeto de glória, honra e verdadeiro prazer. Entretanto, antes de nos falar, permita-me, em nome de meus amados Superiores e de meus queridos companheiros, pedir-lhe um favor: que se digne vir nos visitar em outras ocasiões para renovar a alegria deste belo dia. E, Excelência, continue com a benevolência paternal que nos demonstrou até agora. E o Senhor Prefeito, que de tantas maneiras participou do nosso bem, continue a nos proteger e obtenha para nós o favor de que a rua Cottolengo seja retificada em frente à nova igreja; e nós lhe asseguramos que redobraremos nossa profunda gratidão a Vossa Excelência. Senhor Cura, digne-se nos considerar sempre não apenas como paroquianos, mas como filhos queridos que sempre reconhecerão no senhor um pai terno e benevolente. Recomendamos a todos os senhores que continuem a ser, como foram no passado, distintos benfeitores, especialmente para concluir o santo edifício que é objeto da solenidade de hoje.

Ele já começou, já está se erguendo acima da terra e, com este fato, ele mesmo estende a mão aos caridosos para que o levem a termo. Por fim, enquanto lhes asseguramos que a lembrança deste belo dia permanecerá grata e indelével em nossos corações, oramos unanimemente à Rainha do Céu, a quem o novo templo é dedicado, para que ela lhes obtenha do Doador de todos os bens uma vida longa e dias felizes.

[\(continua\)](#)

Maravilhas da Mãe de Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora (11/13)

[\(continuação do artigo anterior\)](#)

Apêndice de diversas coisas

I. Antigo costume da consagração das igrejas

Depois que uma igreja é construída, não é possível cantar os ofícios divinos, celebrar o santo sacrifício e outras funções eclesiais nela, a menos que ela seja antes abençoada ou consagrada. O bispo, com a multiplicidade de cruces e a aspersão de água benta, pretende purificar e santificar o local com exorcismos contra espíritos malignos. Essa bênção pode ser realizada pelo bispo ou por um simples sacerdote, mas com ritos diferentes. Quando se trata da unção do santo crisma e dos óleos sagrados, a bênção é de responsabilidade do bispo, e é chamada de solene, real e consecutiva porque tem a conclusão de todas as outras; e ainda mais porque a matéria abençoada e consagrada não pode ser

convertida em uso profano; por isso é estritamente chamada de consagração. Se, então, em tais cerimônias, apenas certas orações são realizadas com ritos e cerimônias semelhantes, a função pode ser realizada por um sacerdote, e é chamada de bênção.

A bênção pode ser realizada por qualquer sacerdote, com a permissão do Ordinário, mas a consagração pertence ao Papa e somente ao bispo. O rito de consagração das igrejas é muito antigo e cheio de graves mistérios, e Jesus Cristo, ainda criança, santificou sua observância, enquanto sua cabana e o presépio foram transformados em um templo na oferta feita pelos Reis Magos. A caverna, portanto, tornou-se um templo, e o presépio, um altar. São Cirilo nos diz que os apóstolos consagraram o cenáculo onde tinham recebido o Espírito Santo em uma igreja, um salão que também representava a Igreja universal. De fato, de acordo com Nicéforo Calisto, hist. lib. 2, cap. 33, tal era a solicitude dos apóstolos que, em todo lugar onde pregavam o evangelho, consagravam alguma igreja ou oratório. O Pontífice São Clemente I, eleito no ano 93, sucessor e discípulo de São Pedro, entre suas outras ordenações, decretou que todos os lugares de oração deveriam ser consagrados a Deus. Certamente, no tempo de São Paulo, as igrejas eram consagradas, como alguns dos estudiosos, escrevendo aos Coríntios no c. III, *aut Ecclesiam Dei contemnitis [ou desprezais a Igreja de Deus]*? Santo Urbano I, eleito no ano 226, consagrou a casa de Santa Cecília em uma igreja, como escreveu Burius *in vita eius [em sua vida]*. São Marcelo I, eleito no ano 304, consagrou a igreja de Santa Lucina, como relata o Papa São Dâmaso. Também é verdade que a solenidade da pompa, com a qual a consagração é realizada hoje, aumentou com o tempo, depois que Constantino, ao restaurar a paz na Igreja, construiu basílicas suntuosas. Até mesmo os templos dos gentios, antes morada de falsos deuses e ninho de mentiras, foram convertidos em igrejas com a aprovação do piedoso imperador e foram consagrados com a santidade das veneráveis relíquias dos mártires. Em seguida, de acordo com as prescrições de seus predecessores, o Papa São

Silvestre I estabeleceu o rito solene, que foi ampliado e confirmado por outros papas, especialmente por São Félix III. Santo Inocêncio I estabeleceu que as igrejas não deveriam ser consagradas mais de uma vez. O pontífice São João I, em sua viagem a Constantinopla para tratar dos assuntos dos arianos, consagrou as igrejas dos hereges como católicas, como lemos em Bernini^[1].

II. Explicação das principais cerimônias usadas na consagração das igrejas.

Seria longo descrever as explicações místicas que os santos Padres e Doutores dão sobre os ritos e as cerimônias da consagração das igrejas. Cecconi fala deles nos capítulos X e XI, e o padre Galluzzi no capítulo IV, dos quais podemos resumir o seguinte.

Os santos doutores, portanto, não hesitaram em afirmar que a consagração da igreja é uma das maiores funções sagradas eclesiásticas, como se pode deduzir dos sermões dos santos Padres e dos tratados litúrgicos dos mais famosos autores, demonstrando a excelência e a nobreza que envolve tão bela função, tudo voltado para tornar respeitada e venerada a casa de Deus. São precedidas pelas vigílias, os jejuns e as orações, que têm o objetivo de preparar os exorcismos contra o demônio. As relíquias representam nossos santos. E para que sempre as tenhamos em mente e em nossos corações, elas são colocadas na caixa com três grãos de incenso. A escada pela qual o bispo sobe até a unção das doze cruzes nos lembra que nossa meta final e principal é o Paraíso. As referidas cruzes e o mesmo número de velas significam os doze Apóstolos, os doze Patriarcas e os doze Profetas, que são os guias e os pilares da Igreja.

Além disso, a unção das doze cruzes em outros tantos lugares distribuídos na parede consiste formalmente na consagração, e diz-se que a igreja e suas paredes estão consagradas, como observa Santo Agostinho, lib. Agostinho, lib. 4, *Contra Crescent*. A igreja é fechada para representar a

Sião celestial, onde não se entra a menos que se esteja purificado de toda imperfeição, e com várias orações invoca-se a ajuda dos santos e a luz do Espírito Santo. A caminhada que o bispo faz três vezes, junto com o clero ao redor da igreja, tem o objetivo de aludir à caminhada que os sacerdotes fizeram com a arca ao redor das muralhas de Jericó, não para que as muralhas da igreja caiam, mas para que o orgulho do demônio e seu poder possam ser extintos por meio da invocação de Deus e da repetição das orações sagradas, muito mais eficazes do que as trombetas dos antigos sacerdotes ou levitas. Os três golpes que o bispo dá com a ponta de seu báculo na soleira da porta nos mostram o poder do Redentor sobre sua Igreja, bem como a dignidade sacerdotal que o bispo exerce. O alfabeto grego e latino representa a antiga união dos dois povos produzida pela cruz do mesmo Redentor; e a escrita que o bispo faz com a ponta do báculo significa a doutrina e o ministério apostólico. A forma dessa escrita, portanto, significa a cruz, que deve ser o objeto comum e principal de todo aprendizado dos fiéis cristãos. Significa também a crença e a fé em Cristo transmitidas dos judeus para os gentios, e deles para nós. Todas as bênçãos estão repletas de profundos significados, assim como todas as coisas que são empregadas na sagrada função. As unções sagradas com as quais o altar e as paredes da igreja são marcados significam a graça do Espírito Santo, que não pode enriquecer o templo místico de nossa alma se ele não for primeiro purificado de suas manchas. A função termina com a bênção no estilo da santa Igreja, que sempre começa suas ações com a bênção de Deus e as termina com ela, porque tudo começa com Deus e termina em Deus. A função é concluída com o sacrifício da missa, não só para cumprir o decreto pontifício de Santo Higino, mas porque não há consagração que se realize onde, com a missa, a vítima não seja também inteiramente consumida.

Pela grandeza do rito sagrado, pela eloquência de seu significado místico, podemos facilmente ver quanta importância a santa Igreja, nossa mãe, atribui a ele e, portanto, quanta importância devemos dar a ele. Mas o que deve

aumentar nossa veneração pela casa do Senhor é ver o quanto esse rito é fundamentado e informado pelo verdadeiro espírito do Senhor revelado no Antigo Testamento. O espírito que guia a Igreja hoje para circundar os templos do culto católico com tanta veneração é o mesmo espírito que inspirou Jacó a santificar com óleo o lugar onde teve a visão da escada; é o mesmo espírito que inspirou Moisés e Davi, Salomão e Judas Macabeu a honrar com ritos especiais os lugares destinados aos mistérios divinos. Oh, o quanto essa união de espírito de um e outro Testamento, de uma e outra Igreja nos ensina e nos conforta! Mostra-nos o quanto Deus gosta de ser adorado e invocado em suas igrejas, e o quanto ele responde de bom grado às orações que nelas nós dirigimos a ele. Quanto respeito por um lugar cuja profanação armou a mão de um Deus com o açoite e o transformou de um cordeiro manso em um justiceiro severo!

Vamos, portanto, ao templo sagrado, mas com frequência, pois a necessidade que temos de Deus é diária; vamos intervir lá, mas com confiança e com temor religioso. Com confiança, pois lá encontramos um Pai pronto a nos ouvir, a nos multiplicar o pão de suas graças como na montanha, a nos abraçar como o filho pródigo, a nos consolar como a mulher cananeia, nas necessidades temporais como nas bodas de Caná, nas necessidades espirituais como no Calvário; com temor, pois esse Pai não deixa de ser nosso juiz, e se ele tem ouvidos para ouvir nossas orações, também tem olhos para ver nossas ofensas, e se ele está em silêncio agora como um cordeiro paciente em seu tabernáculo, ele falará com uma voz terrível no grande dia do julgamento. Se o ofendermos fora da igreja, ainda teremos a igreja como lugar para o perdão; mas se o ofendermos dentro da igreja, aonde iremos para sermos perdoados?

No templo, a justiça divina é aplacada, a misericórdia divina é recebida, *suscepimus divinam misericordiam tuam in medio templi tui* [recebemos a tua divina misericórdia no meio do teu templo]. No templo, Maria e José encontraram Jesus quando o haviam perdido; no templo, nós o encontraremos se o buscarmos com aquele espírito de santa

confiança e santo temor com que Maria e José o buscaram.

Cópia da inscrição selada na pedra fundamental da igreja dedicada a Maria Auxiliadora em Valdocco.

D. O. M.

UT VOLUNTATIS ET PIETATIS NOSTRAE
SOLEMNE TESTIMONIUM POSTERIS EXTARET
IN MARIAM AGUSTAM GENITRICEM
CHRISTIANI NOMINIS POTENTEM
TEMPLUM HOC AB INCHOATO EXTRUERE
DIVINA PROVIDENTIA UNICE FRETIS
IN ANIMO FUIT
QUINTA TANDEM CAL. MAI. AN. MDCCCLXV
DUM NOMEN CHRISTIANUM REGERET
SAPIENTIA AC FORTITUDINE
PIUS PAPA IX PONTIFEX MAXIMUS
ANGULAREM AEDIS LAPIDEM
IOAN. ANT. ODO EPISCOPUS SEGUSINORUM
DEUM PRECATUS AQUA LUSTRALI
RITE EXPIAVIT
ET AMADEUS ALLOBROGICUS V. EMM. II FILIUS
EAM PRIMUM IN LOCO SUO CONDIDIT
MAGNO APPARATU AC FREQUENTI CIVIUM CONCURSU
SALVE O VIRGO PARENS
VOLENS PROPITIA TUOS CLIENTES
MAIESTATI TUAE DEVOTOS
E SUPERIS PRAESENTI SOSPITES AUXILIO.

I. B. Francesia scripsit.

Tradução.

Como um testemunho solene para a posteridade de nossa benevolência e religião para com a augusta Mãe de Deus, Maria Auxiliadora, resolvemos construir este templo a partir dos alicerces, no dia 27 de abril do ano de 1865, governando a

Igreja Católica com sabedoria e fortaleza, o Pontífice Máximo Pio IX, Dom João Odone, bispo de Susa, abençoou a pedra fundamental da igreja de acordo com os ritos religiosos; e Amadeu de Saboia, filho de Vitório Emanuel II, a colocou no lugar pela primeira vez em meio a grande pompa e a uma grande multidão de pessoas. Salve, ó Virgem Mãe, socorrei benévola os vossos devotos à vossa majestade e defendei-os do céu com ajuda eficaz.

Escreveu João Batista Francesia.

Hino lido na bênção solene da pedra fundamental.

Quando o adorador de ídolos

Moveu guerra a Jesus,
De quantos mil intrépidos
A terra foi ensanguentada!
Das lutas ferozes, incólumes
A Igreja que surgiu de Deus
Ainda propaga sua vida,
De um a outro mar.

E ainda se orgulha de seus mártires

Este humilde vale,
Onde Otávio morreu,
Onde Solutor caiu.
Bela vitória imortal!
Sobre os gramados sangrentos
Dos mártires se ergue
Talvez o altar divino.

E aqui o jovem aflito

Soltando seus suspiros,
Um refrigerio para sua alma
Encontra em seus mártires;
Aqui a viúva desprezada
De coração devoto e santo
Ela deposita seu humilde pranto
No seio do Rei dos Reis,

E a Ti, que costumavas vencer
Mais do que mil espadas,
A Ti que ostentas glórias
Em todos os quadrantes,
A Ti, poderosa e humilde,
De quem todo o nome fala,
MARIA, AUXÍLIO DOS CRISTÃOS,
Um templo erguemos a Ti.

Então, ó Virgem misericordiosa,
Sê grande para Teus devotos,
Sobre eles em abundância
Derrama Teus favores.
Já com terna pupila
O jovem PRÍNCIPE olha,
Que aspira aos Teus louros,
Ó Mãe do Redentor!

Ele de mente e caráter
De nobre sentimento,
A Ti se entrega, ó Virgem,
Já no florescer dos anos;
Ele com olhar assíduo
Canta canções sagradas para Ti,
E agora anseia por armas
O fragor habitual.

Ele de Amadeu a glória,
As grandes virtudes de Humberto
Guarda em seu coração, e lembra
Sua coroa celestial;
E das nuvens brancas,
Das equipes celestiais
Da abençoada Mãe
Ouça o piedoso discurso.

Querido e amado Príncipe,
Estirpe de heróis santos,

Que pensamento benéfico
Te traz aqui entre nós?
Habitado a casas de ouro,
Do elevado esplendor do mundo
A miséria do pobre
Te dignaste a visitar?

Bela esperança para o povo,
Em cujo meio tu chegas,
Possas viver teus dias
Calmos, doces e serenos:
Nunca em tua jovem cabeça
Em tua alma segura
O infortúnio grite,
Não amanheça dia amargo.

Sábio e zeloso prelado,
E nobres senhores,
Quanto agradam ao Eterno
Vossos santos ardores!
Vida abençoada e plácida
Vive aquele que, para o decoro
Do Templo o seu tesouro
Ou o trabalho prodigalizou.

Ó doce e piedoso espetáculo!
Ó dia memorável!
Dia mais belo e nobre,
Que jamais foi visto e quando?
Bem, fala à minha alma:
Deste ainda mais belo
Dia será certamente aquele
Em que o Templo se abra ao céu.

No trabalho difícil
Benefícios dourados,
E logo chegados ao fim,
Com alegria em Deus descansai;

E então dedilhando fervorosamente
Em minha cítara uma canção:
Louvaremos o Santo
O Forte de Israel.

[*\(continua\)*](#)

^[1] Compendio delle eresie p. 170. Sobre os templos dos pagãos convertidos em igrejas, veja: Butler. Vite, novembro, p. 10.

Um milhão de crianças rezam o Rosário

*“Se um milhão de crianças rezarem o Rosário, o mundo mudará”
(São Pio de Pietrelcina – Padre Pio)*

Todos os anos, em outubro, uma onda de oração se espalha pelo mundo, unindo crianças de diferentes nacionalidades, culturas e origens num poderoso gesto de fé. Essa iniciativa extraordinária, intitulada **“Um milhão de crianças rezam o Rosário”**, tornou-se um evento anual aguardado por muitos, encarnando a esperança de um futuro melhor por meio da oração e da devoção dos mais jovens.

Origens e significado da iniciativa

A ideia dessa iniciativa surgiu **em 2005 em Caracas**, capital da Venezuela, quando um grupo de crianças se reuniu para rezar o Rosário em frente a uma imagem da Virgem Maria. Muitas das mulheres presentes sentiram fortemente a presença da Virgem Maria e se lembraram da profecia de **São Pio de Pietrelcina(Padre Pio)**: *“Quando um milhão de crianças*

rezarem o Rosário, o mundo mudará". Essa frase, aparentemente simples, expressava a profunda convicção de que a oração dos pequenos tem uma capacidade especial de tocar o coração de Deus e influenciar positivamente o mundo.

Inspiradas por essa experiência e pelas palavras do Padre Pio, essas mulheres decidiram transformar essa imagem em realidade. Elas começaram organizando eventos locais de oração, convidando as crianças a rezar o terço. A iniciativa cresceu rapidamente, atravessando as fronteiras da Venezuela e se espalhando por outros países da América Latina.

Em 2008, a iniciativa atraiu a atenção da *Fundação Pontifícia "Ajuda à Igreja que Sofre" (ACN)* [ACN é a sigla internacional, em inglês: "*Aid to the Church in Need*"], uma organização católica internacional que apoia a Igreja necessitada em todo o mundo. Reconhecendo o potencial dessa campanha de oração, a ACN decidiu adotá-la e promovê-la globalmente, com o objetivo de envolver um milhão de crianças na recitação do Rosário, uma das orações mais antigas e mais amadas da tradição cristã católica.

Sob a liderança da ACN, "Um milhão de crianças rezam o Rosário" se transformou em um evento mundial. Todos os anos, em 18 de outubro, crianças de todos os continentes se unem em oração, rezando o Rosário pela paz e unidade no mundo. A data de **18 de outubro** não é coincidência: é o dia em que a Igreja Católica celebra a festa de São Lucas Evangelista, conhecido por sua atenção especial à Virgem Maria em seus escritos.

0 Rosário: oração mariana e símbolo da paz

O Rosário é uma oração muito antiga, centrada na **reflexão sobre os mistérios da vida de Jesus e Maria**, sua mãe. Consiste na repetição de orações como a **Ave Maria**, o **Pai Nosso** e o **Glória**, e permite que os fiéis meditem sobre os momentos centrais da jornada de Cristo na Terra. Essa prática não é apenas uma forma de devoção individual, mas tem uma forte

dimensão comunitária e de intercessão, tanto que, em muitas aparições marianas, como as de **Fátima** e **Lurdes**, Nossa Senhora pediu expressamente às crianças que recitassem o Rosário como um meio de obter a paz no mundo e a conversão dos pecadores.

O Rosário, por ser repetitivo, permite que até mesmo crianças pequenas, muitas vezes incapazes de acompanhar orações complexas ou leituras longas, participem ativamente e entendam o significado da oração. Por meio do simples ato de repetir as palavras da Ave-Maria, as crianças se unem espiritualmente à comunidade global de fiéis, intercedendo pela paz e pela justiça no mundo.

A dimensão espiritual e educacional

A iniciativa ocorre todos os anos em 18 de outubro, embora muitos grupos, paróquias e escolas optem por estendê-la por todo o mês, tradicionalmente dedicado a Nossa Senhora do Rosário.

No dia do evento, as crianças se reúnem em vários locais: escolas, igrejas, casas particulares ou espaços públicos. Muitas vezes, as crianças são instruídas sobre como rezar o Rosário e os significados espirituais dos vários mistérios, para que possam participar com consciência e fé. Sob a orientação de adultos – pais, professores ou líderes religiosos – as crianças rezam o Rosário juntas. Muitas comunidades organizam eventos especiais em torno dessa oração, como canções, leituras bíblicas ou reflexões curtas adequadas para os jovens.

Algumas paróquias organizam celebrações completas, durante as quais as crianças trazem contas de rosário feitas à mão ou com materiais criativos, para expressar sua participação de forma ativa e envolvente. A iniciativa termina com a celebração de uma Santa Missa especial dedicada a Nossa Senhora do Rosário e à paz mundial.

“Um milhão de crianças rezam o Rosário” não é

apenas um momento de oração, mas também uma oportunidade educativa. Muitas escolas e grupos pastorais usam esse evento para ensinar às crianças os valores da **paz**, da **solidariedade** e da **justiça social**. Por meio do Rosário, as crianças aprendem a importância de confiar suas preocupações e o sofrimento do mundo a Deus, e entendem que a paz começa em seus corações e famílias.

Além disso, a iniciativa busca fazer com que as crianças entendam a universalidade da Igreja e da fé cristã. Saber que, ao mesmo tempo, milhares de outras crianças em todas as partes do mundo estão fazendo a mesma oração cria um senso de comunidade global e fraternidade que transcende barreiras linguísticas, culturais e geográficas.

O valor da oração das crianças

A oração das crianças costuma ser vista como particularmente poderosa na tradição cristã por causa de sua **inocência** e **pureza de coração**. Na Bíblia, o próprio Jesus convida seus discípulos a olharem para as crianças como um exemplo de fé: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos Céus” (Mt 18,3).

As crianças, com seus corações abertos e sinceros, são capazes de orar com total confiança em Deus, sem dúvidas ou reservas. Essa confiança e simplicidade tornam sua oração particularmente eficaz aos olhos de Deus. Além disso, a oração das crianças também pode ter um forte impacto sobre os adultos, chamando-os a uma fé mais pura e profunda.

O impacto global

Ao longo dos anos, o “Um milhão de crianças rezam o Rosário” tem registrado uma participação crescente, envolvendo milhões de crianças em mais de 140 países. Em 2023, mais de um milhão de crianças se uniram em oração, rezando especialmente pela paz na Terra Santa e por outras intenções urgentes.

O evento também atraiu a atenção da mídia em vários países, ajudando a divulgar uma mensagem de esperança e união em um mundo frequentemente dominado por notícias negativas. A mídia social tornou-se uma ferramenta importante para promover a iniciativa e compartilhar experiências. Hashtags como *#MillionChildrenPraying* e *#ChildrenPrayingTheRosary* se tornaram virais em muitos países, criando um senso de comunidade global entre os participantes.

A iniciativa “Um milhão de crianças rezando o Rosário” recebeu apoio de muitos líderes da Igreja Católica, inclusive de papas. O Papa Francisco, em particular, expressou várias vezes seu apreço por essa campanha, enfatizando a importância da oração das crianças para a paz mundial.

Além da esfera religiosa, a iniciativa atraiu a atenção de educadores e psicólogos, que enfatizaram os benefícios de envolver as crianças em atividades que promovem a reflexão, a compaixão e um senso de conexão global.

Metas da campanha

A campanha “Um milhão de crianças rezam o Rosário” tem vários objetivos principais:

1. **Educação espiritual:** ensinar às crianças a importância da oração e do Rosário como parte integrante de sua vida espiritual, para que cresçam na fé.
2. **Honrar a Virgem Maria:** A iniciativa fortalece a devoção mariana, um elemento central da fé católica.
3. **Aprender a rezar juntos:** o evento cria um senso de unidade e solidariedade entre os participantes, superando barreiras geográficas e culturais.
4. **Promoção da paz mundial:** a oração das crianças é vista como uma ferramenta poderosa para invocar a paz num mundo frequentemente atormentado por conflitos e divisões.
5. **Aumentar a conscientização sobre os desafios globais:** por meio da oração, as crianças são incentivadas a refletir sobre questões globais e seu papel na criação de um futuro melhor.

Como participar

Participar da iniciativa é muito simples. Basta:

1. **Informar-se:** Visite o [site oficial da ACS](#) para fazer download de materiais gratuitos, como pôsteres, histórias ilustradas e guias de oração.
2. **Organizar um momento de oração:** Escolha um momento para rezar o Rosário, no dia 18 de outubro (ou em outro dia mais próximo, se no dia 18 não for possível). Isso pode ser feito em um grupo ou individualmente.
3. **Envolver as crianças:** de sua família, escola ou paróquia em um momento de oração em comum. Explique às crianças a importância da oração e o significado do Rosário. Incentive-as a participar ativamente.
4. **Registrar-se on-line:** Registre sua participação no site da ACN para fazer com que sua voz seja ouvida e ajudar a atingir a meta de um milhão de crianças.
5. **Compartilhar a experiência:** Compartilhe fotos, vídeos e depoimentos nas mídias sociais usando a hashtag *#MillionChildrenPraying*. Isso ajuda a criar uma comunidade global de oração

“Um milhão de crianças rezam o Rosário” é uma iniciativa extraordinária que demonstra o poder da oração e a importância da fé. Por meio da oração do Rosário, as crianças de todo o mundo podem se unir em uma comunidade global de fé, trazendo esperança e paz. Vamos nos unir a elas nessa grande corrente de oração e ajudar a construir um mundo mais bonito.